

ANDREA SILVA DOMINGUES

CULTURA E MEMÓRIA

A FESTA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO
NA CIDADE DE
SILVIANÓPOLIS – MG



UNIVAS

CULTURA E MEMÓRIA:
A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
NA CIDADE DE SILVIANÓPOLIS – MG

ANDREA SILVA DOMINGUES

Capa: Foto - Ana Maria Beraldo / Arte - Gustavo do Rosário
Projeto Gráfico: Gustavo do Rosário
Editoração: Daíse dos Santos Paulino
Formato: E-book
Nº de Páginas: 175
Edição: 2017
Editora: Editora Univás

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Domingues, Andréa Silva.

Cultura e memória: a festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG / Andrea Silva Domingues. -- Pouso Alegre: Univás, 2017.

175p. : il.

ISBN: 978-85-67647-38-8

Tipo de suporte: E-book

1. Cultura regional. 2. Linguagem. 3. Memória. 4. Festas populares. I. Título.

A todos os moradores da cidade de Silvanópolis, em especial, aos entrevistados, que com sua memória auxiliaram na construção deste trabalho. Ao meu companheiro Gustavo, pela paciência, dedicação e carinho.

A Maria Alice, por ter que viver diversos momentos sem minha presença.

A Maria do Rosário da Cunha Peixoto, orientadora deste trabalho, grande amiga e profissional que muito admiro.

“Se não te agradar a leitura por falta de eloquência e erudição, nem por isso te faças Aristarco, porque eu não desconheço a fraqueza de meu talento. Se te parecer fastidioso o methodo, não deixes por isso de o ler, porque assim mesmo adquires o proveito de saber notícia d’este novo mundo, que certamente ignoras”.

Joaquim da Costa Siqueira – 1778

PREFÁCIO

Escrever um prefácio sobre um festejo popular em Minas Gerais é realmente uma grande oportunidade intelectual, pois nos proporciona reflexão significativa sobre quem somos, nossa memória e nossa própria noção de história no Brasil. Como historiadora e professora do curso de pedagogia, tenho grandes desafios cotidianamente, sobretudo porque é difícil “romper” as barreiras de memória cristalizadas, construídas de modo a nos fazer pensar que nossa memória se constitui a partir das grandes datas cívicas, ou dos “grandes nomes” da história, escolhidos como marcos da nossa trajetória “civilizatória”. Embora muito tenhamos avançado no que se refere às nossas produções, devo admitir que ainda perdura uma noção de história calcada nesta memória dos chamados grandes feitos. Nesse sentido, podemos dizer que corremos o risco de nos esquecer de fatos “ruins”, tais como de campeonatos perdidos para times de outros países, de torturas praticadas por gestões passadas, mas jamais nos esquecemos do 15 de novembro ou do 7 de setembro. Não nos deixam esquecer as datas cívicas, justificando-se que só assim nos sentiremos cidadãos de

uma determinada identidade nacional. Nesse sentido, as práticas sociais, mesmo quando consideradas importantes para a construção de um povo, não são postas como fundamentais à vida vivida por nós, e nossas experiências, muitas vezes ricas em detalhes, não são consideradas como componentes da história. Por essa, e outras, costume dizer que temos uma história cuja base está na “memória do esquecimento”, na memória construída.

O trabalho de Andréa Silva Domingues nos instiga e insere na história, quando traz o movimento de “manutenção” da tradição de um festejo popular, bem como suas transformações conforme as necessidades do presente. O trabalho, que versa sobre O Festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis, em Minas Gerais, busca compreender o processo de preservação da festa, como (re) significação, trazendo uma importante discussão sobre o que é “preservar”, já que a vê não como algo congelado, mas como “expressões sociais” em movimento. Sua abordagem sobre o festejo nos mostra como a tradição existe sem ser estática, sem ser solidificada no tempo, pois nós somos história, e se somos história, somos transformação. A festa, como uma prática que ganha vida a partir dos sujeitos sociais pertencentes

ao lugar, se movimenta com pessoas, e dessa forma, também é movimento.

Assim, ao ver o festejo e seus engendramentos como um campo de disputas pela hegemonia, a autora nos contempla com uma leitura fundamental para a compreensão de tal prática cultural na cidade de Silvianópolis, pois ela reconhece e problematiza as contradições inerentes à cultura, tornando sua pesquisa importante não somente para a historiografia regional, mas para a própria reflexão dos usos da memória.

As fontes são também aspectos essenciais da obra. Tendo buscando como fonte as narrativas/depoimentos de sujeitos sociais entre 35 e 70 anos de idade, pertencentes às zonas rural e urbana, com atuações diversas, tais como pedreiros, comerciantes, agricultores, entre outros, seu trabalho segue como pontual para as discussões sobre os múltiplos olhares atribuídos à festa como expressão da cultura, trazendo à tona, o debate sobre “múltiplas culturas”. Desmistifica a festa como folclore quando escuta as vozes dos muitos sujeitos sociais envolvidos no festejo, vendo-os, portanto, como “produtores de cultura”.

É interessante estar, de algum modo, fazendo

parte desta realização. À época em que terminava minha tese de doutoramento na Pontifícia Universidade católica de São Paulo, Andréa Silva Domingues estava no processo de análise de suas fontes, que incluíam, além dos depoimentos, “cartazes de propaganda e atas da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, e o livro do tomo da Paróquia da cidade”. Naquele momento, trabalhávamos juntas na UNIVÁS/MG, e lembro-me de suas conversas entusiasmadas, nossos diálogos teóricos eufóricos, e sua leitura sobre as narrativas orais tão intensas. Particularmente, recordo-me, por exemplo, de uma das depoentes: Dona Afonsina, uma mulher negra, nascida em 1933, e que havia sido juíza da festa por mais de vinte anos – como o leitor poderá ver nas páginas que se seguem.

Iniciei meu texto falando sobre a importância da memória e, nesse sentido, penso que é necessário ressaltar a concepção de memória abordada nessa obra. Não é uma tarefa fácil falar sobre memória. Muitas vezes, o que comumente se vê é que memória é algo que nos lembramos e que está rigidamente ligada ao passado. No entanto, o que se pode ver na pesquisa é que a autora se atribuiu a tarefa de trazer a diversidade das muitas

“verdades” sobre as experiências vividas, construindo um todo carregado dessa multiplicidade, sem esfacelá-lo ou torná-lo fragmentado. O Festejo, que não é destinado somente à Nossa Senhora do Rosário, mas também a São Benedito, nos é desnudado com essas muitas possibilidades, e ainda assim, o festejo é único.

Para não me estender mais, desejo encerrar com algo que considero significativo para o campo da história. O conceito de história presente nesta obra não despreza o passado, mas não o vê como o único explicador do processo histórico. Considerando a história como movimento, entendendo que muitas transformações se dão em função das necessidades do presente, a autora nos fornece manancial para entendermos que a relação presente-passado nos inclui, mapeando assim, as possibilidades do *devir*, e não mais um futuro dado e inquestionável. Por fim, recomendo a leitura deste trabalho, e que o leitor possa se nutrir do que está por vir.

PROF^a. DR^a. CRISTINA HELOU GOMIDE

Professora de Fundamentos e Metodologia de Ciências
Humanas. Faculdade de Educação-UFG

ÍNDICE

Introdução	12
Capítulo I - “Com o passar dos anos, fui pegando o gosto, de querer um dia fazer a festa”	39
Capítulo II - “A festa da igreja para os padres, e a festa da nossa senhora do rosário para as pessoas do cativoiro”	98
Capítulo III - “13 de junho, é igual a 13 de maio, libertação dos escravos, de São Benedito”	125
Algumas Considerações	160
Bibliografia	163

Introdução

A pesquisa “Cultura e Memória: o festejo de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvianópolis-MG”, refere-se às práticas culturais que vêm sendo constantemente (re) significada pela população da cidade de Silvianópolis. Anualmente entre os dias 13 e o último final de semana do mês de junho realiza-se a festa religiosa mais importante da região.

Busco, nos modos de viver da festa no dia-a-dia da cidade elementos para compreender o processo de preservação / transformação de uma tradição secular.

Trata-se de analisar a memória de homens e mulheres entre 35 e 70 anos de idade, trabalhadores urbanos e rurais que exercem ou exerceram atividades profissionais diversas: pedreiros, cozinheiros, comerciantes, servidores públicos, professores, domésticas, agricultores, etc. que partilham a experiência de organizar e/ou participar da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Embora a festa seja oficialmente de Nossa Senhora do Rosário, ela é também de São Benedito, que é santo de devoção dos homens negros desde os tempos de

escravidão. São Benedito e Nossa Senhora do Rosário estão unidos no imaginário religioso de participantes e realizadores dos festejos. A congada, elemento imprescindível daquela comemoração reforça a ideia dessa unidade.

Escolhi utilizar como fonte depoimentos dos diferentes segmentos que vivenciam o festejo de Nossa Senhora do Rosário, bem como, cartazes de propaganda e atas da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário¹ e o livro tombo da paróquia da cidade.

Busco assim compreender os diferentes sentidos que a festa tem para cada um, incluindo suas relações com a cidade e o trabalho, seus valores e relações sociais, principalmente a festa como uma prática de resistência à tradição que se insere no campo da cultura popular.

O campo da cultura não é homogêneo

¹ Referente à Associação de Nossa Senhora do Rosário no cartório de registro de títulos e documentos de pessoas jurídicas do município de Silvianópolis encontra-se no documento de extrato e estatuto o seguinte trecho: *A Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário é uma sociedade civil, de caráter filantrópico cultural de duração indeterminada. É administrada por uma diretoria e um conselho eleito bienalmente, a 13 de 3 junho, compondo-se a diretoria de presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro e o conselho de compondo-se de dez membros presidido pelo presidente da Diretoria. (25/01/1980).*

(WILLIAMNS, 1979), e sim atravessado por contradições e pelos conflitos de classe na disputa pela hegemonia. A tradição é dinâmica, está sempre em transformação, porque tendemos a resignificá-la sempre a partir de nossa inserção no presente. Aliás, falar de história é falar de transformações.

As fontes da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário e da igreja foram importantes para que eu pudesse melhor compreender a memória dos depoentes e o campo de disputa em torno da festa. Foram as atas e o livro de tombo que possibilitaram uma reflexão mais detalhada sobre a organização do festejo, em tempos não lembrados, silenciados ou esquecidos na memória dos depoentes.

Hoje, o festejo de Nossa Senhora do Rosário conta com a participação de diferentes sujeitos², entre estes os festeiros que são chamados de reis e rainhas, por terem a guarda da coroa de Nossa Senhora do Rosário em suas residências, bem como a responsabilidade de organizar a festa, através da coleta de doações, distribuição de alimentos e toda estrutura necessária para abrigar e

² No decorrer dos capítulos discutiremos especificamente cada um dos sujeitos, neste momento apresentamo-nos de uma maneira mais geral.

receber os congadeiros vindos de outras cidades. Outros são os guarda-coroas homens ou mulheres que durante o cortejo, protegem simbolicamente com suas espadas os festeiros, na sua caminhada até a chamada “Casa Santa”³, onde fica a imagem de Nossa Senhora do Rosário e são realizadas as orações pela santa protetora.

A juíza, outro sujeito importante da festa, é sempre representada por uma mulher quase sempre negra, investida de autoridade que busca pessoalmente os festeiros em suas residências, para acompanhá-los durante o percurso, sempre vestida de branco e com coroa na cabeça. Por fim, os congadeiros que formam o chamado terno de congo, são tradicionalmente mulheres e homens negros, que praticam e experimentam a dança de congo e o festejo desde a infância. Recentemente pessoas brancas têm sido incorporadas às congadas.

Existem vários estudos sobre festas populares (religiosas ou não), que em sua maioria foram desenvolvidos por folcloristas, nos quais a cultura popular

³ “Casa Santa” é como os moradores da cidade chamam a casa onde fica a imagem de Nossa Senhora do Rosário, uma espécie de capela, espaço utilizado também pelos membros da Associação do rosário como sede para realizarem suas reuniões.

é associada a um passado distante, cujas expressões e práticas atuais são vistas como sobrevivências fossilizadas.

Os referidos estudos são registros minuciosos, porém descritivos, sem a preocupação de abordar as diferentes formas, por meio das quais os sujeitos sociais, hoje, experimentam a festa.

O que nos diferencia de muitos folcloristas é principalmente o fato de considerarmos os homens e mulheres envolvidos na festa sujeitos ativos, capazes de preservá-la e/ou de modificá-la conforme sua inserção no presente, isto é, seus interesses, crenças, valores. Trata-se portanto, de considerá-los produtores de cultura.

Nestor García Canclini observa que os folcloristas se atêm ao popular “como resíduo elogiado, depósito de criatividade, prendendo-se a uma prática descritiva, pela qual o “povo” é resgatado, mas não conhecido, tornando-se cego às mudanças” (CANCLINI, 1998, p. 209).

Desta maneira, analisando as diferentes vozes de trabalhadores da cidade de Silvianópolis - MG, que realizam e participam da festa de Nossa Senhora do Rosário, fiz um levantamento inicial para selecionar os

depoentes. Partindo deste material e no intuito de dar visibilidade a sujeitos históricos envolvidos na festa, estabeleci um contato inicial com congadeiros e moradores que participaram e participam da mesma.

Todas as entrevistas em fita cassete e depoimentos filmados foram iniciados no ano de 2001, cuja duração variava de 20, 30 ou 120 minutos. As gravações realizadas em VHS dos dias de festa do ano de 2001, 2004 e 2005 e as mais de 100 fotos da cidade e do festejo foram produzidas por esta pesquisadora e seus acompanhantes (esposo, amigos, alunos...) na intenção de melhor captar a estrutura utilizada para a realização do evento, de registrar afazeres diversos, artefatos utilizados como utensílios de cozinha, objetos religiosos, locais como a “Casa Santa”, o barracão e as formas de decoração etc.

Nessa sondagem de reconhecimento do território, dialoguei com moradores que ficavam nas praças, na igreja, donos de bares, famílias que frequentemente me ofereciam água e almoço. Nas conversas informais, os depoentes indicados pela comunidade para serem entrevistados, foram aqueles que tiveram destaque na realização ou no ritual da festa.

Escolhi iniciar as entrevistas com os participantes mais velhos da festa, ou seja, com mais de setenta anos de idade, por terem-na experimentado ao longo do tempo e constituído com ela fortes vínculos e exercido um papel importante no sentido de torná-la o que ela é hoje.

Foi realizado quatorze entrevistas. Os depoentes aparecem aqui em ordem alfabética, alguns já falecidos deste a realização desta pesquisa, durante esta obra iremos trazer ao leitor informações e experiências dos narradores vivenciadas até o ano de 2007, quando encerrávamos esta coleta de dados:

AFONSINA PATRÍCIO DE MORAES - Aposentada, negra, residente na cidade de Silvianópolis desde sua adolescência, morando com patrões até adquirir sua casa próxima ao cemitério da cidade. Nasceu no ano de 1933, na cidade de Dourados e aos setenta e quatro anos, ainda solteira e sem filhos, faleceu. Foi juíza da festa de Nossa Senhora do Rosário por mais de duas décadas.

CARLINA DE MORAES DUTRA - Foi professora de história aposentada, secretária da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, nasceu no ano de 1928, na cidade de Silvianópolis, no momento desta

pesquisa com setenta e nove anos, solteira, residente no centro da cidade, próximo à “Casa Santa”.

CERCELINO ALVES (*In memoriam*) - Conhecido como seu Neide, aposentado, negro, nasceu na cidade de Poço Fundo-MG, no ano de 1922. Congadeiro, guarda-coroa, mestre de congada, residiu nos morros de Silvianópolis desde a década de trinta. Faleceu com oitenta e dois anos no ano de 2004.

EDIVALDO ANDRADE DOMINGUES - Trabalhador da área rural, pedreiro e serviços gerais, aos trinta e cinco anos de idade, foi festeiro no ano de 2004. Nasceu em 1969, na cidade de Silvianópolis, casado, filho de ex- festeiros da década de 70.

FÁTIMA – Com aproximadamente quarenta anos de idade, residente na cidade de Silvianópolis, próximo ao barracão da festa, foi festeira do ano de 2003, casada e devota de Nossa Senhora do Rosário.

ISABEL MAMED DOMINGUES - Festeira da década de 60 e do ano de 2004 em parceria com seu filho Edivaldo; nasceu no ano de 1932, na área rural da cidade de Silvianópolis, atualmente com setenta e cinco anos de idade, reside aos pés do morro da cidade com seus filhos.

JOSÉ FRANCISCO RIBEIRO – Aos sessenta e sete anos é o padre responsável pela paróquia de Silvianópolis desde 2003. Nasceu em Conceição dos Ouros em 1940, filho de lavradores, ordenado padre no ano de 1967 pela Congregação de Sion.

JOSÉ OTAVIO FILHO – Com aproximadamente setenta anos, negro, congadeiro há mais de 22 anos, residente na cidade de Machado- MG, participa com seu terno de congo da festa de Nossa Senhora do Rosário todos os anos.

JOSÉ PATROCÍNIO- Congadeiro, membro do terno de congo de Machado que se apresenta na festa de Nossa Senhora do Rosário todos os anos, senhor aparentemente com oitenta anos de idade, negro, participa da congada há mais de trinta anos.

JÚNIOR – Preservando o desejo do narrador, Júnior é o nome de ficção. Com aproximadamente trinta e cinco anos de idade, casado, é agente sanitário e acompanha a festa de Nossa Senhora do Rosário desde criança.

MARIA DA CONCEIÇÃO – Negra, com mais de cinquenta anos de idade, casada, reside no morro da cidade. Natural de Silvianópolis mantém-se ativa no festejo como Guarda-coroa e membro de terno de congo.

ROBERTO - Com a profissão de cozinheiro há mais de doze anos, realiza seu trabalho em diferentes festas da cidade e região. Aparenta ter cinquenta anos de idade, casado e residente no município de Silvanópolis.

VALQUIRIA ELIZABETH CORREA – Residente na cidade de Santo André – São Paulo, casada com Silvanopolense, possui propriedades e parentesco na cidade de Silvanópolis. Com aproximadamente quarenta e cinco anos de idade foi festeira no ano de 2005.

ZÉLIA CORREA – Nasceu em Espírito Santo do Dourado e reside na cidade de Silvanópolis desde sua infância. Foi festeira no ano de 2005, e prefere não revelar sua idade.

No decorrer das entrevistas, observamos a necessidade de fazer da conversa um diálogo. Optei por perguntas abertas que tornassem aquele momento um bate-papo descontraído, uma ocasião em que os depoentes poderiam se soltar, buscando em sua memória, lembranças de momentos importantes, de forma saudosa ou não, triste ou alegre, expressada através dos gestos, expressões e palavras que

mostrassem o sentido de participar da festa.

Optei por realizar a transcrição dos depoimentos orais, mantendo a originalidade da fala, sem alterar o que foi dito. Faço isso por respeito à sua cultura, formas de expressão e linguagem por não considerar a forma culta a única maneira de se expressar.

Buscando uma melhor apreensão do momento da entrevista e de dimensões que escapam à transcrição das falas, foram registradas no caderno de campo⁴ a minha percepção das emoções, das expressões corporais, construídas nas entrelinhas das pronúncias e do silêncio de cada narrador.

Desta maneira, a fonte oral e a observação dos gestos e das expressões corporais tornaram-se fundamentais para a reconstrução da história individual e social do festejo. Em geral as entrevistas foram realizadas nas moradias dos narradores, possibilitando-nos, portanto, o conhecimento, principalmente, da cultura material utilizada na festa, como estandartes, roupas, espadas, viola e imagens sagradas.

⁴ Instrumento utilizado nas pesquisas de campo para anotar dados observados pela pesquisadora.

Compreendendo as recordações dos depoentes como olhares múltiplos, expressões de diferentes tempos vividos, experimentados individual e socialmente; foi possível perceber nas narrativas orais o ir e vir da memória, possibilitando a reflexão sobre a diversidade das experiências vividas por cada um, seus pontos de semelhança e suas diferenças, e também pontos de convergências e tensões.

A memória é, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente. Pensarmos a relação entre a memória, experiência e diversidade cultural é fundamental para discutirmos as múltiplas práticas culturais que envolvem a festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvanópolis em Minas Gerais, no período dos anos setenta ao tempo presente.

Alessandro Portelli ao falar sobre história oral destaca o pluralismo resultante dessa prática que trata das visões particulares da verdade, permitindo a construção do conhecimento por várias abordagens. Indicando que o depoimento é dado a partir do filtro da memória de cada entrevistado e de sua subjetividade,

que o levam escolher o que quer relatar ou não.

Ao se referir aos depoentes Portelli diz que “podemos ter status, mas são eles que têm as informações, e gentilmente compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fato significa lembrar que estamos falando não com “fontes” – nem estamos por elas sendo ajudados – mas com pessoas” (PORTELLI, 1997, p. 27), e a proposta do encontro com os eles tem como objetivo a tentativa de traçar essa relação onde se possa fazer com que não se sintam apenas um objeto de estudo, mas sim que a entrevista seja importante para eles, onde são considerados e percebidos como sujeitos, portanto, vivos e ativos.

A narrativa constitui um instrumento de formulação e de construção de memória social, de produção de consciências e de formulação de referências indenitárias. Tecendo uma trama que articula passado e presente, os depoentes vão analisando, (re) criando, e atribuindo diferentes sentidos à realidade vivida, nesse exercício de observar e ser ouvinte.

... a história oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente

depois de reunidos. (PORTELLI, 1997, p. 27).

Para isso, busco refletir sobre esse “mosaico” formado por diferentes fragmentos de lembranças e realidades, vivas e inacabadas. Entendo que tradição e memória se interagem, construindo silêncios e lembranças que sempre se transformam, criando identidades, e que, a partir delas, homens e mulheres se constroem. Desta maneira compreendo que o festejo é parte fundamental para a história da cidade de Silvanópolis, assim procuro apreender o sentido da realização dessa festa ao longo do tempo, sem escamotear suas diferenças e conflitos. Entendo ainda que as experiências vivenciadas por nossos narradores não são folclore, e sim Cultura.

O estudo caminha, no sentido de não valorizar somente o passado, e sim, admitir que homens e mulheres passem por mudanças, e que sua cultura se constrói de acordo com suas necessidades, expressando os desejos dos sujeitos que participam da festa de Nossa Senhora do Rosário.

É nessa preocupação com o futuro, com o novo, que trabalho com memória em sua pluralidade, sem estagnar a festa, as experiências do passado, mas

discutindo as relações que a compõem.

Por essa razão, busco as diferentes práticas culturais em que estão inseridas, as relações que compõem as forças que envolvem a festa, pensando nas coordenadas de tempo e espaço, pois “espaço e tempo são categorias fundamentais da experiência e da percepção humanas, mas longe de serem imutáveis, elas estão sempre sujeitas às mudanças históricas” (PORTELLI, 1997, p. 23).

Discuto o modo como as percepções, sentimentos, crenças, hábitos, valores se transformam e como tais transformações incidem nas práticas culturais que estão relacionados à festa. Nesse sentido, Canclini propõe o conceito de Hibridismo Cultural para “expressar os processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 1998, p. 283-350).

Assim, pensar a festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis, em Minas Gerais, é também pensá-la como “uma ruptura da vida diária, um intervalo na ordem estabelecida, vista por vários estudiosos como momento de renovação das forças

desgastadas pela rotina de trabalho e respeito às regras” (SOUZA, 2002, P. 59), e que a organização desta é contínua e pensada como realidade que faz parte das representações que estão ligadas ao cotidiano.

Cabe ressaltar que as fotografias utilizadas no decorrer do texto servirão somente como auxílio de visualização da narrativa histórica, pois foram elaboradas por mim ou por pessoas orientadas de como e quando eu queria a imagem, dos momentos que achei necessário fotografar. A maioria das imagens compõe também um álbum pessoal de recordação e arquivo dos momentos vividos nesse trajeto em Silvanópolis.

Inserida numa tendência historiográfica que busca compreender e analisar as práticas culturais como modos de vida e de luta, busquei realizar a pesquisa do festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvanópolis, pensando a festa como a tradição que se constitui na experiência social instituindo um campo de memória atravessado pelos conflitos de classe.

Compreendo que através da memória é possível chegar a outras histórias, principalmente aquelas que

estão no campo da resistência e é necessário buscar entender a cultura como “expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos e costumes, associada a diferentes tipos de realidade” (FENELON, 2004, p. 09).

É através de um olhar político (SARLO, 1997) sobre o presente, e do presente, sobre o passado que busco observar as práticas culturais vivenciadas dentro da festa de Nossa Senhora do Rosário. Isto implica colocar-se diante do presente com autonomia e crítica, com compromisso social e político; e fazer da história uma autobiografia, uma avaliação constante do próprio percurso e o reconhecimento da responsabilidade histórica de cada um (FENELON, 2004, p. 5-13).

Para este trabalho é importante uma reflexão sobre a cultura popular. Stuart Hall (HALL, 2003) nos diz que cultura popular só pode ser entendida através de sua relação com a cultura de elite. A cultura popular se situa e se constitui no campo de resistência, e em oposição à cultura hegemônica. É um processo que está em permanente construção e sendo viva e dinâmica, não pode ser a cultura popular enquadrada em uma tipologia.

Importante ressaltar que não há uma “cultura

popular” fora do campo de forças e relações de poder e de dominação cultural, pois:

Afirmar que essas formas impostas não nos influenciam equivale a dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição do poder cultural e das relações de força cultural (HALL, 2003, p. 255).

Mesmo desigual, a luta entre classes é contínua, os dominantes tentam constantemente desorganizar a cultura popular. Nada é pacífico na luta cultural, o campo de batalha é contínuo, havendo resistência, aceitação ou recusa permeada por estratégias de vitórias ou perdas. É nesse campo permanente de tensão que tento entender a festa de Nossa Senhora do Rosário.

Assim desde o começo busquei refletir sobre o modo como funcionam as relações sociais e históricas existentes nesse festejo, com o objetivo de tornar visível a participação de trabalhadores de diferentes gerações. Para a reflexão sobre as experiências cotidianas, foi preciso perceber as maneiras pelas quais eles se constroem como sujeitos de suas vidas e pelas experiências vivenciadas no festejo e na cidade.

Neste trabalho os objetos utilizados nos festejos interpretados como elementos da tradição (como as vestimentas dos congadeiros utilizadas no ritual da dança, os fogões à lenha e tachos, utilizados para preparar o banquete) são entendidos como cultura material.

As pessoas que participam ativamente da organização do festejo de Nossa Senhora do Rosário têm relação íntima com a cidade, e mesmo quando estas não residem no município, possuem propriedades ou familiares que visitam a cidade constantemente. Participam não só das festas, mas também da vida política da cidade, como foi o caso da festeira do ano de 2006, Dona Valquíria que residindo e trabalhando na cidade de Santo André, no estado de São Paulo, mantém vínculos constantes com os amigos, parentes na cidade de Silvianópolis, conhecendo e sendo reconhecida pelos moradores.

Acompanhando a festa desde o ano 2000, pude perceber que ela se constitui em uma tradição, que envolve maneiras de saber e fazer, que se concretiza no dia do festejo através de muito trabalho, fé e lazer peculiares, que atrai e encanta através de seu ritual.

Nesse festejo passaram a introduzir costumes que em tempos passados não se faziam presentes no cotidiano da festa, como a mistura de ritmos dentro da congada e na batida dos tambores que davam realce a ritmos de samba e axé; forma de servir a alimentação ou na decoração do barracão, mas preservando-se melodias, vestimentas e objetos sagrados.

Desta maneira, para entender os sentidos do festejo, foi necessário navegar na memória individual e social; buscando as múltiplas linguagens, por meio das quais os diferentes participantes da festa se expressavam: reis, rainhas, guarda-coras e juízas; pela vestimenta, pela postura de fé ou majestática, reforçando a ideia de hierarquia e devoção. Na linguagem corporal, quando alguns participantes assumiam expressão facial de contrito, como a posição das mãos unidas, ou pelos congadeiros por meio da dança, do tocar dos tambores, dos ritmos, da vestimenta e do gestual.

Outra referência importante é de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 1987), quando analisa a cultura popular festiva da Idade Média e do Renascimento. Para o autor, as festas seriam momentos onde se confrontariam as tensões de um universo ainda não regulado, e onde a

cultura popular concentraria seu potencial subversivo, fundada nas inversões de valores e de hierarquias, opondo uma contra-leitura desmistificadora da religião e da ordem oficial.

Em uma segunda etapa da pesquisa busquei os estudos de teses que pudessem auxiliar também no desafio de compreender nosso objeto de estudo. Neste sentido, merece ressaltar a dissertação “Memória, lembrança e esquecimento: Trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960”, que discute o deslocamento de "nordestinos" em Ituiutaba-MG. Este trabalho auxiliou-me com os métodos da pesquisa e a prática da história oral, desenvolvidos pela autora, que também trabalha com depoimentos de várias classes sociais, patrão, trabalhador, agenciador, administrador; pluralidade que lhe permitiu compreender diferentes perspectivas a partir das quais aqueles sujeitos vivenciaram um momento histórico e posteriormente construíram suas narrativas. A autora conseguiu estabelecer uma relação dialógica com seus depoentes estabelecendo com eles uma relação de confiança, de troca de experiências (SILVA, 1997),

Deborah Silva Santos fez uma pesquisa no

Bexiga em São Paulo, sobre o cotidiano de mulheres negras, trabalhadoras domésticas, cujas atividades profissionais se desenvolviam nas cozinhas, lavanderias, tanques e quintais das casas de seus patrões. A autora nos fez pensar na importância para a investigação histórica da busca de pequenos sinais e de pistas deixadas pelos sujeitos históricos no espaço de vida e trabalho cotidianos e de experiências aparentemente insignificantes e opacas ao primeiro olhar (SANTOS, 1993).

A historiadora Vanicléia Silva Santos, com sua análise da micareta em Jacobina durante as décadas de 20, 30, 40 e 50, foi outra autora que contribuiu para melhor visualização das festividades que possuem como parte de seu ritual a dança da congada, a autora registra confrontos com o catolicismo. Expressões da resistência podem ser percebidas em pequenos gestos e no uso de como, por exemplo, não eram aceitos pela igreja as representações das bandeiras que traziam imagens de proteções negras, como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (SANTOS, 2001).

Não poderíamos deixar de citar o trabalho de Marise Glória Barbosa, que reflete sobre as Caixeiras na

Festa do Divino, no Maranhão, consideradas pela autora como responsáveis pela guarda e transmissão oral dos conhecimentos rituais. O trabalho abordou ainda diversos pontos relevantes sobre a discussão de festas como, conhecer a arte e a responsabilidade dessas mulheres na condução de um ritual religioso: o papel ritual e social de sua música, de seus cantos e toques de tambores (BARBOSA, 2002).

Tentando entender a festa de Nossa Senhora do Rosário conforme sugere Marina de Mello e Souza *como* “uma forma particular de conceber e transmitir a história, permeadas de ritos religiosos e mitos que fundamentam crenças e comportamentos” (SOUZA, 2002, p. 315), afloram indagações sobre as relações sociais e simbólicas estabelecidas na festa, representadas nos cortejos (momento em que todos participantes do festejo acompanham, cortejam em procissão os festeiros que levam a coroa de Nossa Senhora até a capela).

Nas palavras de Regina Beatriz, “só há experiência em sentido pleno quando entram em conjunção certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (GUIMARÃES NETO, 2000, p. 213). O individual e o coletivo se conjugam,

igualmente, na memória dos homens e mulheres que participam da festa e é por meio delas que também busco apresentar neste estudo os diferentes sentidos e participações dentro do ritual.

Na festa há uma mistura de tempo, espaço e relações, não havendo uma uniformidade e sim diferentes experimentos em relação a ela, pois, ao realizar a festa, há participação de diferentes segmentos da cidade, como comerciantes que contribuem com esmolas, congadeiros que, com suas vestimentas, adornos e instrumentos musicais dançam e cantam, os devotos que pagam promessas ou homenageiam Nossa Senhora do Rosário e visitantes que apreciam as barracas, as guloseimas e a musicalidade.

Desenvolvo uma análise da festa, não considerando-a uma válvula de escape das tensões cotidianas dos trabalhadores negros, mas apontando para a complexidade dessa forma de expressão, de grande riqueza para o descortino das atitudes, valores e comportamentos dos diversos grupos sociais.

O primeiro capítulo proposto, *“Com o passar dos anos que fui pegando o gosto de um dia querer fazer a festa”*, foi pensado a partir da agenda da festa, sua

programação, das narrativas orais, das atas da Associação e do uso dos espaços da cidade; fontes essenciais para compreender o festejo como parte da cultura dos homens e mulheres do município de Silvanópolis.

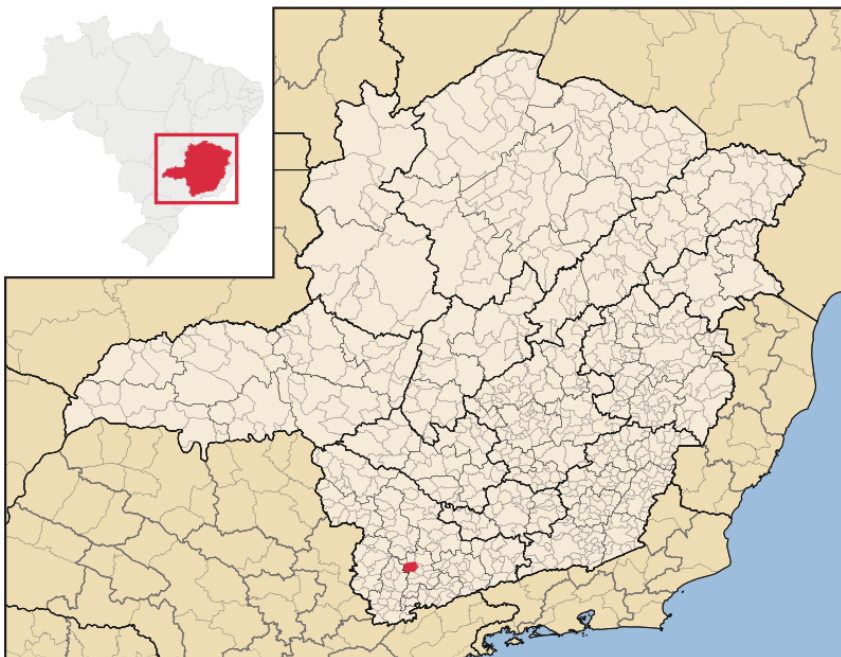
No segundo capítulo, *“Festa da igreja para os padres, e a festa de Nossa Senhora do Rosário para as pessoas do cativoiro”*, estudei as relações da festa com a igreja; a partir de como estas são lembradas pelos nossos narradores, sejam eles negros ou brancos.

Por fim, no terceiro capítulo, *“13 de junho, é igual a 13 de maio, libertação dos escravos, de São Benedito”*, objetivei discutir o sentido da dança de congo, no interior do festejo, entendendo-a como uma prática de sociabilidade, de consolidação da cultura de homens negros, formada por um ritual que é permeado de estratégias de sobrevivências e costumes de tempos diversos e a devoção a São Benedito como uma tradição muito forte.

Conhecer a festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvanópolis, em Minas Gerais, suas formas de sociabilidade, fronteiras e as múltiplas experiências, trajetórias de vida que constituem esta celebração

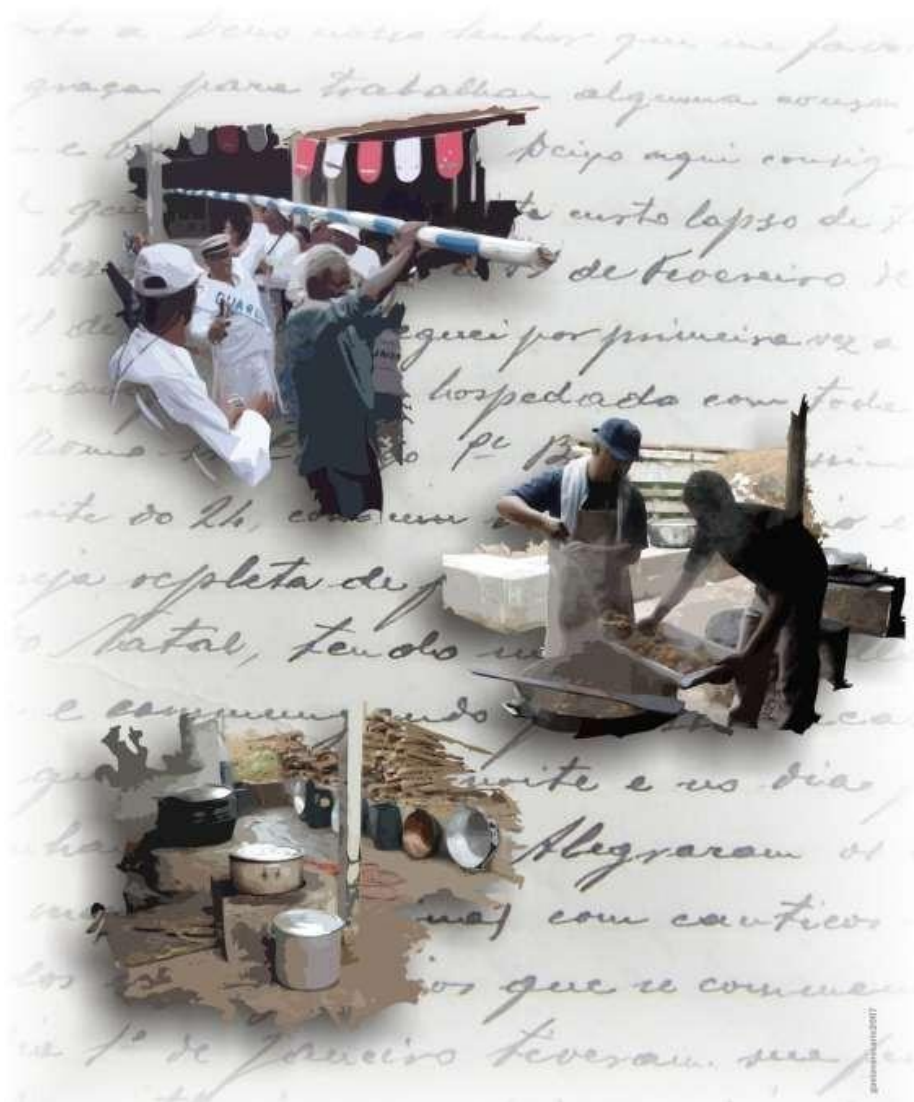
permeada por cultura e tradição, consiste, como foi posto, em em trabalho árduo, mas carregado de possibilidades.

01 – Localização de Silvianópolis no Estado de Minas Gerais



Por Raphael Lorenzeto de Abreu - Image:MinasGerais MesoMicroMunicip.svg, own work, CC BY 2.5, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1113641>

“Com o passar dos anos, fui pegando o gosto, de querer um dia fazer a festa”



Capítulo I

“COM O PASSAR DOS ANOS, FUI PEGANDO O GOSTO, DE QUERER UM DIA FAZER A FESTA”⁵

*“O sábado é o dia todo o povo dançando,
pulando, gritando quem é que segura o povo”⁶*

A cidade de Silvianópolis no Sul de Minas Gerais⁷, aproximadamente a 439 km de Belo Horizonte, capital do Estado e a 270 km da cidade de São Paulo e próxima dos municípios de Pouso Alegre, Varginha, Poços de Caldas e Paraguaçu. As atividades econômicas de destaque são agropecuária (batata-inglesa, banana, laranja, milho, mandioca, café, cana – de- açúcar e criação bovinos, galináceos, caprinos e suínos) e o comércio varejista (indústria alimentícia - laticínios e de bebidas).

Conforme dados estatísticos do IBGE sua

⁵ Edvaldo Andrade Domingues. Entrevistas realizada no ano de 2004, uma no mês de março e outra no mês de junho na cidade de Silvianópolis-MG, em sua residência e no barracão da festa. História de vida.

⁶ José Francisco Ribeiro, Padre Zezinho. Entrevista realizada no ano de 2006, na cidade de Silvianópolis- MG, na casa paroquial. História devida.

⁷ Ver mapa 01.

população na década de setenta era de aproximadamente 4.276 habitantes na área rural e 2.651 na área urbana, mas com o passar dos anos, com a diminuição da produção agrícola do município, e aumento do comércio na cidade e com a instalação de diferentes empresas na região, a concentração de habitantes na área rural caiu mais de cinquenta por cento, causando o esvaziamento do campo e o aumento da cidade (IBGE, 2000).

É nesse município que há mais ou menos 227 anos, por volta de 1780, realiza-se o festejo de Nossa Senhora do Rosário no mês de junho. Atualmente em 2007 a festa de Nossa Senhora do Rosário permanece ainda como um dos momentos mais importantes para o município, reunindo um grande número de homens, mulheres e crianças; alguns que retornam à cidade natal para reencontrar parentes ou amigos que ali deixaram. Os dias do festejo tornam-se momentos de solenidade, fé, lazer e devoção.

Compreendemos que a festa faz parte da cultura de seus participantes, que partilham um conjunto de valores e sentidos.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é uma tradição da cidade, uma manifestação religiosa e lúdica

que sobreviveu a muitos contratempos. Originariamente era uma festa de homens negros e atualmente é vivenciada por negros, brancos, pobres ou ricos, mas que em comum mantêm a devoção a Nossa Senhora do Rosário. Trata-se de um festejo com aspectos religiosos e profanos, não sendo uma organização institucionalizada pela igreja católica, mas sim organizada pela Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário e seus colaboradores.

Ao analisar o festejo na cidade de Silvanópolis e, como este vem sendo (re) significado ao longo dos tempos, inclusive no tempo presente, foi importante, neste primeiro momento, pensar a agenda da festa, sua programação e o uso dos espaços da cidade.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é divulgada através de cartazes, outdoors por toda a região, abrangendo as cidades vizinhas, de Pouso Alegre, Careagu, Poços de Caldas e Machado; na tentativa de informar e trazer para a cidade de Silvanópolis aqueles que sempre participaram da festa e também novos visitantes.



Imagem 01: ROSÁRIO, Gustavo do. Cartaz da Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2004.

Sendo basicamente os mesmos dados apresentados a cada ano, os cartazes não trazem explicações, nem tentam “conquistar” adeptos. Nota-se que quem os prepara (festeiros e associação) pressupõem um conhecimento por parte de quem os lê, provavelmente destina - se ao público regional.

Ao observar o livro ata da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, cujo termo de abertura datado em 13 de junho de 1937, podemos conhecer algumas atribuições da Associação, como por exemplo, a aclamação dos festeiros realizada todo dia 13 de junho, quando a Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário oficializa a escolha dos festeiros do ano seguinte.

Foram escolhidos para festeiros o senhor Geraldo de Farias Franco, para rainha festeira a senhorita Maria Casimira filha de Antonio Casemiro Neto.⁸ Para nomeação dos festeiros de 1946 foram apresentados os seguintes candidatos. Para rei festeiro Sr. Pedro Ferreira Beraldo, para rainha festeira a snra Dna Clotilde Maciel Braga, sendo estes nomeados.⁹

⁸ Ata da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário data de 13/06/44.

⁹ Ata da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário data de 13/06/45.

Dona Carlina, secretária da Associação há mais de duas décadas, atuante em todos os encontros, reuniões exerce a atribuição de secretária da diretoria. É responsável pela guarda dos documentos da entidade.

A Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, conforme suas palavras têm finalidades cultural, cristã e social, sendo uma de suas maiores responsabilidades e a mais importante manter a realização do festejo anualmente: *“A festa é feita sobre o auxílio da Associação do Rosário, muitos problemas são resolvidos pela nossa diretoria, a entidade tem a finalidade cultural, cristã e social.”*¹⁰

No dia 13 de junho a diretoria e todos os membros da Associação se reúnem na “Casa da Santa”¹¹. Em uma mesa retangular, em frente ao altar de Nossa Senhora do Rosário inicia-se a festa com a escolha dos festeiros do ano seguinte e com o levantamento do mastro.

O mastro, um grande tronco de aproximadamente seis metros, pintado de azul e branco tem em uma de

¹⁰ Carlina de Moraes Dutra. Entrevista realizada no ano de 2005 na cidade de Silvianópolis- MG, em sua residência. História de vida.

¹¹ Propriedade da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, local onde há as reuniões e são realizadas as orações e nomeações dos festeiros.

suas extremidades a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. É conduzido por um cortejo que sai do barracão¹² até a “Casa da Santa”, próxima à matriz. Do cortejo fazem parte os festeiros, moradores da cidade e visitantes.

A cerimônia de levantamento do mastro é um momento do festejo, como nos diz Dona Afonsina:

O dia 13 é o dia que tem que ser levantado o mastro, o dia mais importante da festa, acontece na metade do mês, é 15 dias antes da festa, agora acontece no segundo domingo de junho.¹³

¹² Dias e semanas, antes do dia 13 de junho, os festeiros, acompanhados da ajuda de mulheres e homens trabalham no barracão, que foi construído ao pé do morro da cidade, na divisa do centro e da periferia, local ainda rústico; mas de grande espaço, onde se prepara e serve as refeições.

¹³ Afonsina Patrício de Moraes. Entrevista realizada no ano de 2004 na cidade de Silvianópolis-MG, em sua residência. História de vida.



Imagem 02: ROSARIO, Gustavo do. Cortejo do mastro para levantamento na casa Santa no dia 13 de junho; saída do barracão. Subida do mastro. 2004.

Por ser negra, trabalhadora e de classe economicamente menos favorecida, Dona Afonsina associa o dia 13 de junho ao dia 13 de maio *“13 de junho, é igual a 13 de maio, libertação dos escravos, de São Benedito”* afirma. Diz viver o levantamento do mastro como se estivesse saudando São Benedito e

comemorando a libertação dos negros no Brasil. Assim ela faz dessa história, parte também de sua história e vida.

O cortejo, tanto do dia 13 como do último final de semana do mês de junho, que sempre acontece entre o dia 25 e 26 de junho, segue o trajeto traçado pelos festeiros, diretoria da associação e representantes da prefeitura. Geralmente de um ano para o outro o circuito não sofre muitas alterações, pois os festeiros sempre saem do barracão ou de suas residências que ficam nas proximidades do mesmo (por ser uma cidade pequena) e assim o cortejo segue pelas ruas de melhor acesso, como Maximiliano Mendes, Rua Manoel Ferreira Vilhena, ao chegar no rio Lava Pés atinge a avenida Joaquim Mendes Magalhães, vira à esquerda para a rua Cônego Paulo Monteiro, saindo à rua Antônio D'avila Bittencourt, logo à direita na praça Brás dos Santos que segue a rua Major Feliciano, dando acesso a Praça Homero Bento Vieira, depois na avenida Dr. José Magalhães Carneiro e finalmente, atinge a rua José de Sales Dutra. Passando por pontos importantes da cidade como antigo Colégio das Freiras, praça do correio, casa do padre, praça da matriz, igreja de Santa Ana, por fim, sobe a ladeira da

“Casa Santa”, local onde se levanta o mastro no pequeno quintal. Na presença de congadeiros, devotos, membros da associação e demais participantes acontece a nomeação dos festeiros.



Imagem 03: ROSÁRIO, Gustavo. “Casa Santa”, localizada na Rua José Sales Dutra”. 2005.



Imagem 04: ROSÁRIO, Gustavo. Interior da “Casa Santa”. 2005.



Imagem 05: ROSÁRIO, Gustavo. Pequeno quintal da “Casa Santa”, local de levantamento do mastro. 2005.

Quem vai pegar a festa? Ai o outro grita de lá “eu vou pegar” Ai pega, pronto acabou. Agora esse ano teve votação. Porque se fosse só nós, não precisa ter votação, pois já tínhamos combinado com a associação, mas chegou na hora, teve mais gente querendo pegar a festa também. Ai eu falei pro Tonho (membro da Associação) “Faz a votação, você elege” .¹⁴

Felizmente eu consegui. Só que pegamos a festa eu e minha mãe e mais dois outros irmãos de outra família. Chegamos lá na casa santa, fizemos a votação e tinha mais candidatos interessados em feitear a Festa, só que nós após a escolha do conselho que pegamos a Festa, eu minha mãe e outros irmãos da outra família.¹⁵

Tanto dona Isabel como de seu filho Edivaldo, falam da eleição dos festeiros do ano de 2004 que aconteceu no dia 13 de junho de 2003, quando eles e mais um casal de irmãos de outra família foram nomeados.

Referindo-se à escolha dos festeiros, Isabel e Edivaldo enfatizam que a Associação já vem para a cerimônia da eleição dos festeiros com a indicação de

¹⁴ Isabel Mamed Domingues. Entrevistas realizada no ano de 2004, uma no mês de março e outra no mês de junho na cidade de Silvianópolis- MG, em sua residência e no barracão da festa. História de vida

¹⁵ Edivaldo, 2004.

nomes selecionados previamente.

Chegam a conversar com as pessoas que consideram dignas de fazer parte da organização como festeiros, meses antes.

O descontentamento dos depoentes também é visível, pois fazem questão de lembrar que o ato da eleição é uma mera encenação, e não deveria sê-lo.

Ser escolhido como festeiro é motivo de honra, respeito e confiança; pois o sucesso da festa dependerá das atividades desenvolvidas pelos escolhidos.

O Estatuto da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário diz que esta deve zelar pela festa e realizá-la anualmente. No ano de 2006 um fato inusitado aconteceu: os festeiros escolhidos recusaram-se a organizar a festa já no mês de junho. Não havendo mais tempo para a escolha de outros festeiros, a diretoria da Associação teve que assumir a realização da festa. Apesar do descontentamento geral, o motivo da recusa dos festeiros nomeados não foi divulgado.

Outra data importante da festa é o último final de semana de junho que corresponde aos dias finais das comemorações, podendo variar entre os dias 25 a 30 de junho.

“25/06 – Alvorada com congadas. 25/06 – Reinado.

26/06 – Reinado para entrega de coroas aos novos festeiros”¹⁶

O sábado, para muitos, é um dos momentos mais significativos dentro do cronograma da festa. Seu Cercelino rememora o momento da alvorada, a atividade que dá abertura aos trabalhos do dia.

É no sábado, que não tem hora pra levantá, porque a congada chega de fora e começa a bater de madrugada, a gente não dorme, seis horas tá levantando pra receber aqueles congado que vem visitá o nosso terreiro, gente levantá pra recebe os colega e fazer o reinado no sábado depois do almoço, a subida de reis.¹⁷

Para Cercelino, por exemplo, a alvorada é um momento de encontro com os amigos e contato com os congadeiros de outras cidades que, ao chegarem a Silvianópolis, de maneira respeitosa realizam a visita aos colegas, ao raiar do dia; como uma forma de respeito e sociabilidade com os donos do terreiro, os congadeiros

¹⁶ Cartaz da Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2004.

¹⁷ Cercelino Alves. Entrevistas realizada no ano de 2003, uma no mês de janeiro e outra no mês de maio na cidade de Silvianópolis- MG, em sua residência. História de vida.

da cidade.

E como não podia deixar de acontecer, sempre visitavam seu Cercelino¹⁸, por ser este um dos congadeiros mais velhos do município. Ele nos conta que era acordado ao som dos tambores e das vozes em canto:

Meu sinhô dono da casa da licença vô chega. Vim trazer São Benedito pra modê Ihe visitá o rei que mandou, mineirinho que deu sinal, Oi manda amarra paia piraquara, oi manda amarra paia.¹⁹

A alvorada desperta a cidade, pedindo licença e saudando seus santos, para depois de um circuito pelas ruas que dão acesso ao barracão chegarem a se reunir à espera de seu café.

A cidade toda no início do sábado se movimenta em torno dos preparativos do festejo, em suas barracas, em suas residências, no barracão, na igreja, na “Casa da Santa”, na saída da roça rumo ao centro. A rotina cotidiana é quebrada.

É nesta perspectiva, que a cidade é preparada para a realização da festa e para a passagem dos sujeitos que a compõem; há diferentes usos dos espaços

¹⁸ Cercelino faleceu no ano de 2004.

¹⁹ Letra do canto de alvorada, cantado por Cercelino na primeira entrevista realizada em 2003.

da cidade, o galpão ao pé do morro é o local de encontro do público que irá acompanhar o cortejo; as ruas recebem visitantes e vendedores ambulantes.

Dona Isabel (2004) rememora a importância do retratista:

O retratista só vinha na festa do Rosário, naquele tempo não tinha retratista aqui, e nós aproveitava para tirar fotos, se não tinha que ir para outros lugares como na Aparecida do Norte, por exemplo. Então assim muita gente tirava foto com o retratista aquela foto que vinha no negocinho da gente olhar pelo quadradinho.

Com muita alegria fala de seu tempo de adolescência, vivenciado nos anos quarenta e cinquenta, onde o ato de poder registrar uma imagem da família reunida através da fotografia, que só podia acontecer em dias de festa, através dos chamados barraqueiros que compunham a cidade. Já Dona Carlina também traz em suas lembranças sentimentos saudosos das barracas:

Eu lembro da barraca do amor, lembro direitinho, até a voz do senhor que era dono da barraca quando ele anunciava - olha a barraca do amor, maçã do amor - eu lembro direitinho. Era muitas coisa assim, parecido com o que é hoje em dia, os barraqueiros traziam as quinquilharias pra

vender e o povo juntava dinheiro o ano inteiro para comprar nessa época (CARLINA, 2005).

Observamos que os barraqueiros traziam e trazem para a cidade nos dias de festa muito mais que um comércio com mais opções de preços e produtos, fazem de suas barracas um espaço de novas experiências culturais, diferenciadas do cotidiano dos trabalhadores da cidade, oportunizando o prazer de saborear a maçã do amor ou o uso de serviços que muitas vezes são oferecidos somente nesse período, como por exemplo, a venda abundante de calçados trazidos da cidade de Franca localizada em São Paulo.

Os bares e restaurantes funcionam o tempo todo. A frequência a estes lugares aumenta no período do festejo, que como diz Dona Carlina as pessoas *“juntava dinheiro o ano inteiro para comprar nessa época”*.

Atualmente em 2007, as coisas estão mudando, aumentou o fluxo de pessoas de fora. A cada hora ônibus, carros chegam à cidade mudando seu curso, suas paradas, trazendo em suas duras poltronas ou confortáveis automóveis, visitantes, amigos e parentes que descem em meio às barracas e a muita correria:

O sábado é o dia todo o povo dançando, pulando, gritando quem é que segura o povo. Correria pra todos os lados, gritaria de pessoas que nunca vi na vida, falou em festa vem gente de todo lado, E para faturar montam barraquinhas pra todos os lados, vende salgadinho, carne com papo, bebida, cerveja, pinga, batidas, roupas, panelas, sapatos, Cds, tudo... vem barraca até de paraguaio eles querem é faturar na Festa tem muita gente.²⁰

O centro da cidade em torno da igreja até a “Casa Santa” é todo cercado por barracas autorizadas e alugadas pela prefeitura²¹ por mais ou menos cem reais cada, movimento este de muita agitação, quebrando o silêncio da pacata Silvianópolis. A festa traz um movimento de pessoas não conhecidas e um comércio grande de diferentes produtos, vendidos por barraqueiros de fora e alguns da cidade, pois os moradores em sua maioria não participam dessa atividade, mantêm uma ou duas barracas com artesanato e alimentos regionais:

Essas barracas que fica no centro da cidade sempre teve desde quando eu era criança, não é coisa dos festeiros, eles vêm tudo de fora, de

²⁰ José Francisco Ribeiro, Padre Zezinho. Entrevista realizada no ano de 2006, na cidade de Silvianópolis- MG, na casa paroquial. História de vida.

²¹ Cabe ressaltar que, o dinheiro arrecado pela prefeitura no aluguel das barracas não é destinado a Associação ou festeiros e sim para a montagem de banheiros químicos e manutenção da limpeza das ruas.

tudo quanto é lugar. O povo da cidade monta pouca barraca é mais pra vender boneca, paninho, bordadinho caseiro, quentão, pastel, né. Agora as barracas de roupa, sapato, de todas coisas lá são barraqueiros de fora (ISABEL, 2004).

Apesar de toda movimentação, em meio às barracas é preservado o corredor central, as ruas largas permitem que seja possível manter o espaço da passagem do cortejo, que subirá as ladeiras acompanhadas de uma multidão.

Na análise das narrativas orais, das atas da Associação e do livro de tombo da igreja, percebemos que a festa de Nossa Senhora do Rosário vem mantendo a mesma estrutura de organização desde a década de vinte, quando aparecem registros mais detalhados.

A festa de Nossa Senhora do Rosário tem um momento que é considerado pelos seus participantes como ápice; o último sábado do mês de junho, quando é realizado o que denominam de “subida do reisado”.

O reinado é o mais importante do dia da festa, no sábado. O reinado sobe as ladeiras, a gente deixa tudo o que tá fazendo pra acompanhar o reinado que vai até a casa da santa (ISABEL, 2004).

É um dia muito especial, porque hoje tem o primeiro reinado que vai transportar os festeiros carregando a coroa pra Nossa Senhora do Rosário, é um momento de muita emoção, todos vão buscar os festeiros e proteger a coroa até a Casa Santa (EDIVALDO, 2004).

A emoção no dia da festa é muito forte para os festeiros. Como diz Edivaldo, é o momento que estes seguem pelas ruas da cidade até a “Casa Santa”, acompanhados por mais de oito ternos de congo, com aproximadamente cinquenta a oitenta participantes cada um, que dançam e cantam numa grande mistura de som dos tambores, frente à casa dos festeiros em forma de cortejo.

Em torno das quinze horas o som fica mais forte, os fogos aumentam e o número de participantes para acompanhar o cortejo também.

Os festeiros, sujeitos de destaque da festa, carregam em suas mãos a Coroa da Santa, coberta de ouro e prata, símbolo de poder de Nossa Senhora do Rosário e da magnitude da homenagem que lhe devotam os fiéis. Esta seguirá pelas ruas, repetindo todo circuito já realizado no dia do levantamento do mastro.

Do alto da casa de Dona Isabel e Edivaldo observamos a chegada de cada um dos membros que possuem cargos²² na festa.

É nesse momento do cortejo, da subida de reis, que os diferentes sujeitos aparecem e ocupam espaços diferentes na formação da procissão.

Mary Del Priory, analisando as festas do período colonial afirma:

Tempo de utopias, a festa revela a riqueza das funções com as quais as populações do passado dela se apropriavam. No início ela aparece como reflexo das instituições e do desejo do estado de aproveitarem da ocasião para afirmar seu poder, ela mostra-se lentamente expressão de diferentes segmentos da sociedade. Índios, negros, mulatos e brancos manipulam as brechas no ritual das festas e as impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, suas danças, sua maneira de vestir-se e reproduzem suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas (PRIORE, 2000, p. 89).

²² Cargo é como os depoentes e também participantes da festa denominam algumas representações dentro do festejo, por exemplo, Edivaldo assumiu o cargo de festeiro de 2004, Dona Afonsina tem o cargo de juíza.

Embora se referindo há outro tempo, a autora apresenta fundamentos teóricos que nos auxiliam na análise dos festejos populares no século XX. Possibilita-nos compreender a festa de Nossa Senhora do Rosário como um espaço apropriado por diferentes categorias sociais, mas principalmente pelos considerados trabalhadores menos favorecidos economicamente, aqueles que residem nas margens da cidade, no campo, que sobrevivem do salário mínimo ou de serviços temporários, sem renda fixa e suficiente para uma vida mais tranquila. Estes trabalhadores são, em sua maioria de pele negra, que recriam e afirmam suas culturas, nas formas como lidam com a divindade, com a religião, com a dança ou com a alimentação dentro da festa.

E é no momento do cortejo que estas afirmações culturais aparecem fortemente, não que não estejam presentes em todo o festejo, mas é nesse ritual que se fazem mais visíveis aos olhos de quem observa, e foi do alto daquele morro na casa de Dona Isabel e, através das lembranças dos depoentes, que pude observar e apreender os diferentes sentidos que têm essa prática cultural para os sujeitos do festejo.

As lembranças que aparecem nos depoimentos

viajam por diferentes tempos da memória, que constituem a cultura e experiência de vida de cada narrador e suas lembranças relacionadas ao festejo de Nossa Senhora do Rosário. Estão intimamente ligadas aos espaços encontrados e vivenciados por eles na cidade de Silvianópolis.

Entendendo que a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário é um conjunto de experiências que constitui a vida de um grande número de pessoas que fazem parte da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, dos ternos de Congo e de diferentes trabalhadores da cidade; é que procurei entender o porquê de nossos depoentes estarem envolvidos, de forma direta ou indireta com a realização da festa, procurando entender e conhecer a arte de festejar, suas permanências e rupturas no tempo.

Para melhor compreendermos os homens e mulheres que ocupam cargos no desenrolar da festa de Nossa Senhora do Rosário, que participam do seu ritual, vamos apresentar os diferentes papéis que representam.

Iniciemos então pelos chamados reis - festeiros. Os festeiros são as pessoas de maior evidência da festa. Devem coletar as “esmolas”, coordenar as ações para

levantar fundos, como por exemplo: bingos, bailes durante o ano, administrar e organizar as atividades como a vinda dos ternos de congo, tratar da divulgação da festa e, principalmente do oferecimento das refeições, ou seja, garantir o banquete àqueles que participam da festa.

Os chamados festeiros tornam-se reis e rainhas durante os dias da festividade, assumindo o papel de uma espécie de governo que tem como função realizar e organizar a festa:

Promover a celebração da tradicional “Festa do Rosário” de Silvianópolis, zelando pela conservação dos mesmos costumes, estilos, tradições e cerimoniais que a caracterizam desde seus primórdios.²³

Nas entrelinhas da documentação, aparecem preocupações dos membros da Associação, com o cargo de festeiro, de que ele seja ocupado por pessoas ativas da Associação do Rosário, e não por outras consideradas “mal intencionadas”²⁴. Por essa razão, a Associação

²³ Ato Constitutivo e estatutos da Associação de Caridade Nossa Senhora do Rosário foi homologado aos dois dias do mês de maio de 1965, na Casa do Rosário, conforme consta na página 32 do primeiro livro ata da Associação.

²⁴ Referente à preocupação da Associação do Rosário de ter festeiros mal

acaba por interferir na eleição dos festeiros garantindo a nomeação de pessoas de sua confiança.

Anteriormente aos anos 70 ocorreu uma rotatividade entre os membros da Associação e seus parentes na ocupação desses cargos, mas com o crescimento da festa, bem como de sua popularidade, iniciou-se a disputa por esse cargo entre moradores da cidade, mesmo não sendo membros ativos da Associação. Motivo este de tensão em alguns momentos entre a Associação e pretendentes a festeiros. Na década de oitenta houve a pretensão, por parte de uma pessoa, não selecionada para assumir o festejo. Imediatamente a diretoria se organizou e nomeou um festeiro entre os participantes da Associação, que acompanhava a festa desde criança, eliminando assim o outro candidato, antes mesmo da eleição do dia 13 de junho.

Na década de setenta, por causa do aumento de voluntários interessados a assumirem o papel de reis –

intencionados, ou seja, que não garantissem a festa nos moldes tradicionais a ata do dia 13/06/1975 diz *“O mesário Natalio Franco propôs que quando não se apresentar um festeiro bem intencionado o senhor presidente nomeará os festeiros dentro os próprios membros da Associação recaindo a nomeação nos que forem sorteados.”*

festeiros de Nossa Senhora do Rosário; estratégias foram adotadas para elegê-los. Além da eleição realizada pelos componentes da Associação, foi atribuído um valor de contribuição²⁵ em dinheiro a ser oferecido pelos festeiros à Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário.

Nos dias atuais os festeiros não possuem uma taxa fixa, no entanto devem arrecadar todo o dinheiro necessário para a realização da festa que no ano de 2005 variava entre setenta a oitenta mil reais, quantia necessária para oferecer a alimentação gratuita, contribuir com os ternos de congo, comprar fogos, transporte etc. Além da quantia em espécie, o festeiro também busca patrocínio de empresários que façam doação de produtos como flores para decorar a igreja, produtos alimentícios e qualquer prêmio que possa vender e reverter ao festejo.

Mas mesmo estipulando valores, ainda foi

²⁵ “O fim da presente reunião era a escolha por votação escrita dos festeiros para 1974. Feita a votação foi à mesma apurada constatando-se que os nomes mais votados foram... fica aprovado que cada festeiro contribuirá com a importância de CR\$ 600,00, devendo tal importância ser paga no dia 13 de junho do ano da Festa.” Ata do dia 13/06/1973.

necessário criar edital para inscrição dos candidatos, no qual se determinava:

O candidato a festeiro deverá ser residente no município, propriedade essa ou propriedades essas, já adquiridas nesta data. Foi também aprovada por unanimidade que por mudança de qualquer membro da diretoria para outro município a mesma deixará automaticamente de fazer parte da diretoria.²⁶

Ser residente ou proprietário de terras no município de Silvianópolis – MG torna-se outro fator de seleção para ocupar o cargo de festeiro, eliminando-se assim concorrentes de outras localidades. A escolha dos festeiros tornou-se um momento de concorrência e rivalidade gerando conflitos dentro e fora da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário.

Ser rei-festeiro é ser capaz de organizar o festejo dentro dos padrões exigidos, não somente pela Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, mas ser capaz de garantir fartura de comida, muitos ternos de congo e muita gente na cidade.

Para Dona Isabel, para ser festeiro é preciso ter boa vontade.

²⁶ Ata de 09 de junho de 1975.

Para ser festeiro a pessoa tem que ter responsabilidade, não pode beber, nem se amaciado, assim não ter casado. Tem que ser uma pessoa responsável. Não basta chega lá na capela e querer pegar a festa, eles (membros da associação) não dão pra quem não tem responsabilidade, se não tiver acordo eles não dão (ISABEL, 2004).

Isabel expressa em sua narrativa os valores esperados de quem assume o cargo de festeiro, valores que abrangem desde o comportamento do dia-a-dia, como ter responsabilidade, não ser alcoólatra, até a situação mais complexa como ser casado oficialmente.

Os valores expressados pelos depoentes em relação aos festeiros vêm no sentido de que, ao assumir o cargo de festeiros perante a Associação e público presente na “Casa Santa”, estes se tornam referenciais centrais da festa de Nossa Senhora do Rosário, que representa uma tradição da cidade: ocupam o posto mais alto da organização, denominado rei-festeiro; além do papel organizativo da festa; terão sob sua guarda um dos símbolos mais preciosos, a coroa de Nossa Senhora do Rosário, que tem um sentido sagrado e de poder.

Dona Fátima, festeira do ano de 2003 fala da

vontade de ser festeira pelo que significa para ela, não somente pelo prazer, mas também pela graça, pela questão religiosa, de ter oportunidade de guardar a cora da santa.²⁷

Há muito tempo eu queria fazer uma festa desta, sempre tive muita vontade de fazer a festança do Rosário. É muito emocionante, tudo na festa é bonito, o festeiro tem responsabilidade. O momento marcante é na casa da Santa, onde levamos a coroa, acompanhadas do reisado, do cortejo, à gente no meio, os congadeiros na frente abrindo caminho e o povo atrás. A coroa fica com a gente o ano inteiro sob nossa responsabilidade em nossa casa, a gente guarda a coroa é uma graça em casa, e é a gente que vai entregar a coroa aos novos festeiros.²⁸

Na festa de Nossa Senhora do Rosário em Silvanópolis o reinado principal é dos festeiros que são cortejados e protegidos, pois levam consigo a coroa da Santa do Rosário, não nas cabeças, mas em suas mãos, como reis protetores do símbolo sagrado. Seu Cercelino

²⁷ Ao assumir o cargo de festeiro ou festeira estes também se responsabilizam pela guarda da coroa de Nossa Senhora do Rosário, um dos motivos de serem denominados de reis e rainhas, diferentemente de outras localidades, onde os reis e rainhas da festa de Nossa Senhora do Rosário ou de São Benedito possuem papel específico dentro da congada, representando os reis africanos.

²⁸ Fátima - Entrevista realizada no ano de 2004, em VHS durante as atividades de preparação do banquete na cozinha. Depoimento.

também faz questão de demonstrar em sua narrativa a diferença deste rei e rainha:

Os reis da festa sempre teve aqui em Santana, nunca foi rei rainha do congado, por exemplo, se a senhora fosse festeira a senhora era a rainha da festa, os festeiros saem levando a coroa, eles carregam a coroa na bandeja, nas mãos, em Machado, por exemplo, é na cabeça, aqui é não (CERCELINO, 2003).

Diferentemente de outros festejos, os festeiros tornam-se reis e rainhas da festa de Nossa Senhora do Rosário, e são responsáveis por zelar e guardar a coroa da santa em suas residências. No entanto, não são coroados simbolicamente como em outras regiões e não representam o reinado da congada²⁹.

O que Cercelino diz é que em Silvianópolis embora as congadas sejam importantes para a festa, não se trata de uma festa de reis congos.

Os festeiros são denominados de reis no festejo porque se responsabilizam pela guarda da coroa da santa e ocupam o lugar central da festa, simbolicamente, estes são as autoridades maiores do festejo.

²⁹ Muitos ternos de congo possuem seus reis e rainhas que simbolizam a inversão de poder, onde os negros torna-se reis e rainhas, ou representam as lutas africanas entre os reinados.

Ao realizar a leitura de cada entrevista, e principalmente os relatos dos festeiros e festeiras compreende-se a importância que tem a festa de Nossa Senhora do Rosário para a maioria de seus participantes e está presente também nas trajetórias de vida dos narradores desde a infância, vivida distante da cidade, na “roça”.

Nós morávamos na roça nas terras do meu pai, como quem toma conta hoje sou eu. Então sempre foi mais difícil às vezes vinha na cidade. Então hoje é mais fácil, tenho casa na cidade. Naquela época tinha que vir na cidade a pé ou a cavalo, então era mais difícil, já hoje tudo é mais fácil. A gente era aquela escadinha. É uma nostalgia pra mim falar das festas, naquela época era uma euforia querer tá junto, saber que meu pai já tinha feito uma festa que foi festeiro é muito gratificante. Foi comentado que meu pai tinha feito uma boa festa e a segunda também tinha sido boa. Eu nasci nessa trajetória nesse embalo (EDIVALDO, 2004).

Parece uma coisa que tá ali no sangue, você já tá ali, cada vez mais tá vindo. Então faz parte da minha vida parece que eu já nasci com esse espírito de ser caçador de festas, congadas, agora com o passar dos anos eu fui ficando mais amadurecido. Então a de 99 que a minha mãe fez eu já participei ativamente, porque a que ela fez em 78 eu era um mulecote, tinha nove anos. Então não tinha noção de ajudar. Então a de 99 que a minha mãe fez eu já era mais amadurecido. E com o passar dos anos, fui pegando gosto, de

querer um dia fazer festa (EDIVALDO, 2004).

Vinculado a uma prática familiar experimentada desde criança, onde seu pai e sua mãe assumiram a festa por várias vezes; Edivaldo foi adquirindo o gosto de um dia querer fazer a festa.

É eu esperei vinte anos, vinte anos que eu tenho essa ilusão, vamos pensar assim, era uma ilusão, eu não pensava que ia conseguir, pois tinha gente mais famosa interessada. A gente tem aquela ilusão de um dia alguém falar ele é o melhor, ele fez a melhor festa. Não, eu não quero fama. É uma coisa que vem da minha infância, de querer fazer a festa como meu pai e minha mãe fazia (EDIVALDO, 2004).

Edivaldo expressa a opinião que pode haver a possibilidade de um favorecimento às pessoas mais ricas em ser festeiras.

O sentido de ser festeiro para Edivaldo ultrapassa as fronteiras de buscar visibilidade entre os moradores da cidade. Em sua narrativa faz questão de se diferenciar de outros festeiros dizendo que o que importa é a tradição vivida em família e não a fama.

Dona Valquíria em suas lembranças também faz referência à trajetória familiar:

Pra você ver o meu sogro, meu sogro tinha tanta paixão por essa Festa, a gente se espelha muito nele sabe! Então ele chegava, e ele faz aniversário em outubro né! A gente dava presente no aniversário, dava de natal, dia dos pais, ele não usava nada! Cadê o chapéu que nós demos? “Ah vou guarda pra Festa do Rosário”... e a minha sogra também tudo era para festa do Rosário! Então essa Festa é muito é importante pra nós, uma Festa de amor mesmo, que meu marido viveu desde criança e se dedica muito a Nossa Senhora.³⁰

O depoimento de Valquíria traz a imagem de familiares lembrados pela dedicação ao festejo. E mesmo não vivenciando a experiência desde criança, Dona Valquíria, ao se casar, passou a fazer parte da festa de Nossa Senhora do Rosário, juntamente com seu esposo, de família tradicional da cidade, sempre ligado às práticas do festejo, na infância ou mesmo na fase adulta. O sentimento de ser festeira para Valquíria é uma mistura de fé, trabalho e lazer.

Como já apresentamos, a organização do festejo envolve estratégias diversas que trazem consigo alegrias e descontentamentos, pois assumir a responsabilidade de organizar a festa de Nossa Senhora do Rosário, se

³⁰ Valquíria Elizabeth Correa. Entrevista realizada no ano de 2005, na cidade de Silvianópolis- MG, no barracão durante os preparativos da festa. História de vida.

por um lado pode significar poder, status; por outro lado significa muito trabalho.

A associação só escolhe os festeiros, depois quem se vira é os festeiros. Tira-se esmola, se não tirar é obrigado a fazer a festa e entregar a coroa. Uma festa boa é os festeiros alegre, satisfeito, tratar de todo mundo, alegre e satisfeito. Ocê não pode fazer cara feia pra ninguém, ocê pode tá trincando de dor de cabeça mais... num pode... ninguém tem nada com isso (ISABEL, 2004).

A Associação é falhíssima, falha totalmente! Isso eu falo, falo pra ela, falo pra qualquer um, falha totalmente! Porque eu acho que eles deviam dar uma retaguarda o ano inteiro, eles têm o ano inteiro, o ano inteirinho pra fazer (VALQUÍRIA, 2005).

Tanto dona Isabel como Valquíria ex-festeiras do festejo na cidade de Silvianópolis, afirmam que ocupar o cargo central é sinal de muita labuta, e o sentimento de falta de ajuda dos membros da Associação é comum entre as lembranças, evidenciando certo nível de tensão.

Para os depoentes, ser festeira ou festeiro envolve atividades diversas, desde a responsabilidade da



organização à realização da festa que é dos escolhidos a ocuparem as cadeiras marcadas, de rei e rainha, em local de destaque na cerimônia.

Imagem 06: ROSARIO, Gustavo do. Festeiros do ano de 2004, Edivaldo e sua esposa sentados na cadeira de rei e rainha a espera da cerimônia de entrega da coroa aos festeiros do ano de 2005.

No dia 13 de junho e no último final de semana do festejo é quando os denominados reis e rainhas, os

festeiros, sentam-se em seus lugares de destaque, reservado pela Associação aos seus escolhidos, em meio à multidão que espera para conhecer os nomeados e responsáveis pelo festejo.

Assumir a festa exige muito tempo e dedicação, que envolve em diversas atividades seus amigos e familiares; como por exemplo: na arrecadação das chamadas esmolos na área rural e urbana, na organização e realização dos bingos e dos bailes.

Começa a tirar as esmolos desde janeiro; então você vai pras roças e tudo lugar. Mas esse ano a chuva nos atrapalhou, porque choveu muito, deu uma atrasada nas esmolos né! Essa é à parte que eu gosto, que eu adoro, ir às fazendas, conversar com o povo, pedir as doações, povo que é muito bom (VALQUÍRIA, 2005).

Pra fazer a festa tem que ir tirando esmola né... Então você tem que estar em todos os lugares. Para convidar todo mundo e divulgar um pouco a festa. Porque o tempo que você tá trabalhando, você tá divulgando a festa também. Tem que ter um planejamento, tá fazendo uma coisa e no mesmo tempo, outra. O povo dá. Você vai no município todo. A pessoa dá o que pode. O festeiro geralmente não determina o que pede. O festeiro não exige geralmente. Um dá dez reais, outro uma saca de arroz, uma leitoa, outro um pacote de açúcar. Então é o que a pessoa pode dar de livre espontânea vontade. Eu chego e peço uma ajuda pra festa de Nossa Senhora do Rosário, aí você dá o que pode (EDIVALDO,

2004).

O trabalho é muito pesado, mas é muito gratificante sim. Mas que não é fácil, não é! A gente enfrenta muito barro, muita chuva, passa fome; porque você sai cedo, então levava dois lanche pra cada um. Então ficava o dia inteirinho com fome sabe! Voltava só a noite, toda lambuzada.³¹

Valquíria, Zélia e Edivaldo, em suas narrativas dizem que o coletar as esmolas é o momento de mobilizar a população para a festa, de criar o clima de que o festejo é importante. Na coleta de esmolas, os festeiros e seus colaboradores têm contato com um grande número de pessoas, o que é uma tradição, mantida em muitas festas religiosas; embora em algumas delas a atividade de tirar esmolas seja apenas simbólica, pois o dinheiro vem de outro lugar.

Os festeiros, ao rememorem suas experiências para a realização da festa, valorizam suas ações e fazem questão de destacar que o trabalho é realizado de forma intensa e que saem da rotina cotidiana; por passarem a maior parte do tempo de suas vidas arrecadando

³¹ Zélia Corrêa. Entrevista realizada no ano de 2005, na cidade de Silvianópolis- MG, no barracão durante os preparativos da festa. História de vida.

donativos para a festa.

A busca de doações, como observamos no caderno de esmolos³² apresentado por alguns festeiros, e também presente nas narrativas orais é uma das principais funções dos festeiros, e exige disponibilidade de tempo, dedicação e disposição física, para a realização deste trabalho corpo a corpo, de visita às fazendas, aos moradores da área rural e urbana, enfrentando estradas de terra, chuva, lama. Esse contato dos festeiros com seus colaboradores ajudam a colocar a festa na ordem do dia.

O caderno de esmolos é onde os festeiros registram as doações recebidas e o nome dos contribuintes. As doações geralmente são de espécie, alimentos ou objetos de utilidade para a festa. Ter o nome registrado no livro de esmolos é uma forma de demonstrar que também contribuíram para homenagear a santa de sua devoção ou para a realização de um evento tradicional na cidade, ou ainda de demonstrar apreço e consideração pelos festeiros e reconhecimento pelo seu

³² O livro de esmolos onde registram parte das doações funciona como uma espécie de livro ouro, é um caderno de brochura que acompanha os festeiros na coleta de dinheiro e alimento.



trabalho.

Imagem 07: ROSÁRIO, Gustavo. Carne recebida através de esmolas, descongelando na mesa da cozinha para uso com batata. 2004



Imagem 08: ROSÁRIO, Gustavo. Alimentos na dispensa do

barracão, recebidos como esmolas pelos moradores e comerciantes da cidade, variando assim as marcas, podendo, por exemplo, ser a farinha, o arroz, o feijão de vários tipos. 2004.

Como foi possível perceber, a função de festeiro (a) é uma atividade desenvolvida praticamente o ano todo, pois ao assumir o cargo no mês de junho, este (a) já deve se organizar, ou planejar como nos conta Edivaldo *“Tem que ter um planejamento, tá fazendo uma coisa e no mesmo tempo, outra”*, pois é através das esmolas que é possível a realização da festa, no entanto, não o suficiente, devendo os festeiros realizar diferentes atividades para arrecadarem fundos, verbas para a efetivação do festejo:

Aqui o povo é bom, se você pedir um bezerro, uma vaca, um bezerro pra um fazendeiro. Durante o ano, faz uma rifa, um leilão, um bingo, faz alguma coisa; aqui é uma cidade carente de diversão. Queira ou não queira é uma festa grande que tá repercutindo em todo lugar (ZÉLIA, 2005).

Estratégias como a realização de um bingo, um leilão ou até mesmo um baile é possível para arrecadação de fundos durante o ano.

A festa oferece à cidade, não só oportunidade de lazer, possibilitando a criação de espaços diversos de

sociabilidade e conagração, mas também um momento ímpar de visibilidade pública na região. A festa é, sem dúvida, um momento importante de suspensão e ou atenuação temporária de tensões e disputas que envolvem o viver urbano.

A participação dos moradores da cidade é fundamental em todas as atividades relacionadas ao festejo de Nossa Senhora do Rosário, para que se possam adquirir os bens necessários para a concretização do evento, que é esperado por todos durante o ano inteiro. Considerada a maior festa da região, esta é um momento de lazer, fé e de encontro de familiares e amigos, chamados de filhos da terra.

A presença dos patrocinadores também é visível no barracão, através de seu material de propaganda. A festa lhes dá a oportunidade de conquistar novos clientes, angariar simpatias, melhorando sua imagem de empresas integradas à comunidade.

O barracão foi construído pela Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário na Rua Maximiliano Mendes, em um terreno de aproximadamente 500m², ao pé do morro e próximo ao rio Lava Pés, que divide a cidade entre centro e bairro.

Na entrada, um portão de correr que dá acesso ao pátio, em cada lado, uma espécie de alpendre com um parapeito de mais ou menos um metro de altura. No meio do terreno um galpão que ao abrir a porta tem-se acesso a um corredor, cuja parede do lado direito tem quatro portas que levam aos refeitórios dos congadeiros; do lado esquerdo uma porta que leva à cozinha, uma espécie de cobertura grande, que se comunica diretamente com o quintal. Ao fundo deste um quartinho comprido serve como dispensa.

Para melhor conhecermos o espaço do barracão apresentamos algumas imagens e uma planta esquemática:



Imagem 09: ROSÁRIO, Gustavo. Portão de entrada do barracão que dá acesso ao pátio e alpendres. 2004.

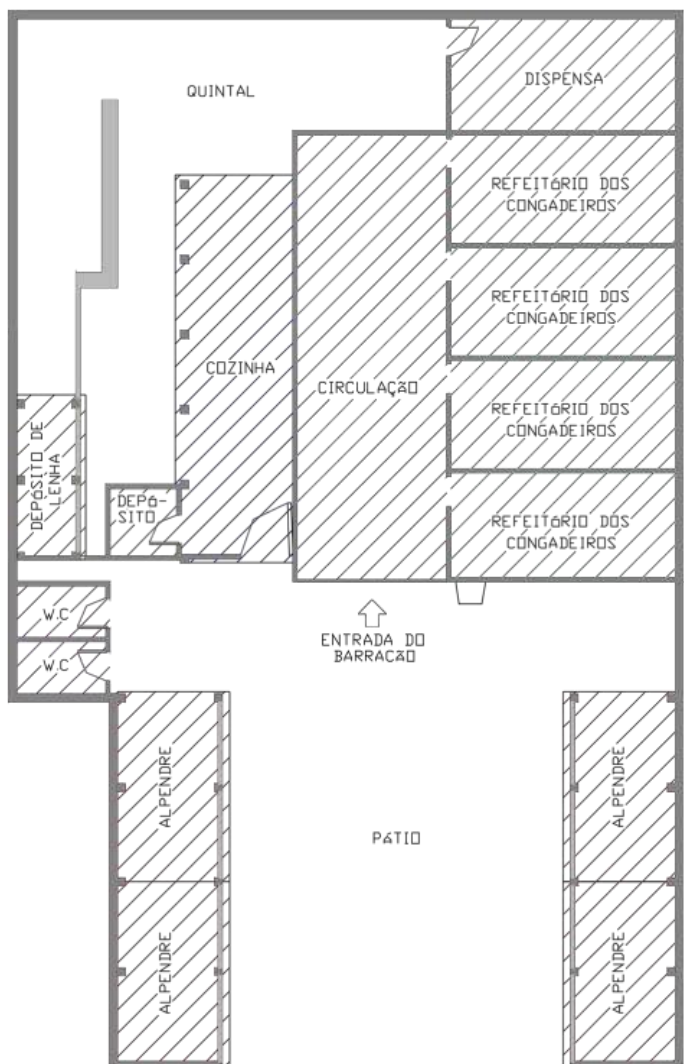


Imagem 10: ROSÁRIO, Gustavo. Visão geral do pátio, alpendres e galpão ao fundo. 2004.



Imagem 11: ROSARIO, Gustavo do. Vista da entrada do barracão / galpão que dá acesso aos refeitórios dos congadeiros. 2004.

PLANTA ESQUEMÁTICA DO BARRACÃO DA ASSOCIAÇÃO:



O barracão fica todo enfeitado com materiais de propaganda das empresas que patrocinam parte da festa: faixas, bandeirolas, cartazes de bancos e marcas de produtos alimentícios como macarrão etc. Casas de comércio locais financiam os outdoors, folder, e demais matérias de divulgação da própria festa. Algumas delas às vezes contribuem com tecidos e aviamentos para confecção das roupas dos congadeiros.

O envolvimento dessas empresas com o festejo é uma prática cada vez mais recorrente e que acompanha o crescimento da cidade. Em décadas passadas não havia a presença desses patrocinadores, contudo as escolas eram mais fartas devido à abundância da produção de alimentos na área rural. A festa era mais silvianapolense, isto é, mais regionalizada.

A busca de patrocinadores e a realização de atividades diversas, com o objetivo de arrecadarem fundos e escolas, tem o intuito principal de garantir a distribuição gratuita das refeições aos congadeiros, participantes da festa e de todos aqueles que comparecem ao barracão, seja como sujeitos ativos da festa ou como observadores.

Nos dias de festa, dia 13 e no último final de semana do mês de junho o barracão se abre logo bem cedo, para o café dos congadeiros que chegam após a alvorada. Ao meio-dia é servido o almoço a todos os visitantes que comparecem ao barracão no alpendre, situado ao lado esquerdo do pátio. E nos quatro refeitórios já referidos, é servido o “banquete” aos congadeiros.

Esse momento do almoço é também marcado pela chegada dos ternos de congo ao barracão e são compostos por dezenas de pessoas, podendo chegar em torno de cem participantes. Diferentemente dos outros convidados, os ternos de congo participam do banquete nos refeitórios próprios, separados, onde há grandes mesas, sobre as quais se colocam as panelas de comida, refrigerantes que são servidos em pratos, talheres e copos que não são descartáveis. Os auxiliares, festeiros e cozinheiros se preocupam em manter sempre a mesa farta para que todos os congadeiros possam se alimentar à vontade. Embora a refeição dos congadeiros receba o nome de “banquete”, a comida é a mesma servida no alpendre do pátio.

Após o almoço segue - se um período de descanso até às quinze horas quando os congadeiros

iniciam a formação do cortejo para a subida até a “Casa Santa”, onde será efetuada a escolha dos festeiros.

Garantir a alimentação a todos é mais que uma obrigação, ou responsabilidade, tem o sentido de tradição de mais de duzentos anos, tradição esta que envolve diferentes sujeitos; pois além dos festeiros, dos patrocinadores, há também a participação daqueles que se responsabilizam pela cozinha, pelo feitio do alimento, da produção dos doces, do descascar das batatas e até mesmo por garantir a boa qualidade e higiene dos alimentos.

O momento das refeições é reconhecido pelos participantes da festa como um grande banquete, onde há fartura dos pratos, demonstrando a hospitalidade silvianapolense e, principalmente, dos festeiros que representam nesse momento os donos da casa. Para a realização das refeições é necessário habilidades, jeitos de fazer, saberes, como por exemplo, cozinhar no tacho para mais de mil pessoas, adicionar farinha para engrossar o caldo do feijão e lavar as panelas com carvão para deixá-las brilhando.

Tais saberes são visíveis no espaço da cozinha dentro do barracão, onde o principal colaborador é o

cozinheiro que coordena todas as atividades e os ajudantes, auxiliares de cozinha que são compostos por homens e mulheres que têm a função de descascar batatas, limpar, cortar legumes e verduras, manter os utensílios limpos como os grandes tachos e colheres de pau que são utilizados no fogão à lenha feito de cimento, construído ao chão.



Imagem 12: ROSÁRIO, Gustavo do. Fogões e tachos que são utilizados para feitura dos alimentos na festa de Nossa Senhora do Rosário. 2004.



Imagem 13: ROSÁRIO, Gustavo do. Cozinheiro e ajudante preparando a carne com batata para ser servido aos participantes do festejo. 2004.



Imagem 14: ROSÁRIO, Gustavo do. Equipe de trabalho da cozinha no dia de festa. Primeiro a esquerda festeiro do ano de 2004, seguido do cozinheiro e auxiliares de cozinha. 2004

O espaço da cozinha reflete práticas culturais diversas em torno da alimentação da Festa do Rosário. Toda a movimentação da cozinha e da arte de cozinhar está ligada ao trabalho dos festeiros e de suas arrecadações, pois o cardápio é definido por eles e pelo festeiros e cozinheiro, principalmente pelo que se recolheu nesses meses de andanças.

Há práticas alimentares que são mantidas desde os primórdios da festa, como por exemplo, servir o feijão com pedaços de pele de porco, o chamado toucinho, arroz e carne de porco, acompanhados de doces caseiros. Cardápio este que vem sendo acrescido de novos alimentos, mas é de praxe garantir a fartura de salada, carne de boi, frango ou porco, farinha de mandioca ou macarrão.

O cardápio da festa é o mesmo, a gente acrescenta quando tem. É sempre arroz, feijão com torresmo de pele, bacon, salada de alface e tomate, dificilmente tem grandes variações, é sempre arroz, batata com carne, macarrão, feijão com carne de porco é assim e tudo isso é feito com prazer, com honra.³³

³³ Roberto. Entrevista realizada no ano de 2004, em VHS na cozinha do barracão durante o feitiço dos alimentos. Depoimento

O cardápio da festa de Nossa Senhora do Rosário mantém sempre um perfil parecido, baseado no que se tem e se recebe, que é organizado pelos cozinheiros e auxiliares. É possível perceber que a arte do banquete e do feitiço do alimento estão ligados aos modos de vida dos homens e mulheres que colaboram com a festa, principalmente à economia desses trabalhadores e suas práticas culturais cotidianas. As esmolas são doadas pelo que se tem, que se cultivam ou se criam em suas terras ou casas, formando, de suas doações, o prato servido nas refeições do festejo.

Recepcionar e servir bem os filhos e convidados que retornam à cidade de Silvianópolis nos dias de festa, é fundamental para os moradores da cidade, assim o cozinheiro passa a ter uma grande responsabilidade em suas mãos, garantindo através de seus temperos e ingredientes mineiros como a banha de porco, muito alho e condimentos, o aroma que invade as proximidades do barracão e o sabor típico mineiro de comida no fogão à lenha, tornando irresistível o apreciar e saborear dos visitantes e moradores, como podemos perceber na fala de seu Roberto (2004):

A comida tem que ser cheirosa e gostosa, pra isso tem refoga bem na banha de porco, junto com sal, cebola e alho, aí depois vai colocando os outros ingredientes se for farofa a gente coloca azeitonas bem picadinhas que as ajudantes picam bem pequenininho, cheiro verde, cebolinha e salsa, milho, ervilha e farinha de mandioca, tudo em cima da carne bem refogadinha e miúda.

A arte de cozinhar e seus segredos culinários ficam expressos na fala de seu Roberto, cozinheiro da festa de Nossa Senhora do Rosário e de muitas comemorações importantes de algumas famílias da cidade, como casamentos e batizados. O cozinheiro é aquele que controla o momento adequado de desligar ou abaixar o fogo, de provar os alimentos, de tampar ou destampar a panela do feijão que vai cozinhando horas e horas no tacho, sendo mexido suavemente em tempos esporádicos pelo ajudante ou pelo próprio cozinheiro. Na maioria das vezes, do sexo masculino, em função do esforço braçal ao comandar em movimentos circulares as grandes colheres de madeira, atividade esta necessária principalmente no tacho do arroz que deve fritar bem antes de colocar a água quente; da carne que fica mais grossa ao acrescentar a batata e do feijão que é em maior quantidade, cozido e temperado no grande tacho

de ferro.

Importante observar que as atividades do barracão são acompanhadas de perto pelos festeiros, pelas mulheres festeiras, que assumem o papel de supervisionar e verificar todas as atividades, principalmente a de cozinhar, que é um momento que aproxima as pessoas e cheio de expectativa de que tudo dê certo.

As mulheres e homens festeiros são parte integrante e ativa da cozinha que inicia os trabalhos na noite anterior ao banquete, escolhendo o feijão, batendo o arroz, cortando as batatas e, no meio da madrugada, acendendo, colocando a lenha e fogo nos fogões para iniciar o cozimento a tempo hábil das doze horas do dia seguinte; momento este que se inicia a distribuição dos alimentos aos congadeiros e à população.

Além do almoço abundante, há uma farta distribuição de doces típicos da cozinha mineira no alpendre do lado direito do pátio. Baldes de 20 quilos, colocados sob uma grande mesa são servidos em copos descartáveis.

Estamos fazendo o doce desde semana retrasada, já faz quinze dias depois de amanhã, isso é os doces do dia 13 da subida do mastro. Agora pra outra festa, o dia do reisado a gente vai fazer mais, vai fazendo toda noite e guardando, pois eles não estragam quando ficam no ponto, é doce de roça (ISABEL, 2005).

Os doces são preparados com antecedência por doceiras da cidade que definem o cardápio referente às sobremesas a partir dos tipos de frutas recebidas como doação. As especialidades da festa são os doces de abóbora, mamão, mamão em pedaço, casca de laranja, cidra, batata-doce, e, quando possível, doce de leite.

Eu e outra mulher, a Tereza, fizemos todos os doces. Faz tudo no panelão. Casca de noite; vem uma turma de ajudantes, conhecidos, amigos, pra descascar, picar e durante o dia eu e a outra doceira vem pra cozinhar. Passamos sabão e cinza nas panelas de alumínio, como nossos pais faziam. Põe no fogo, depois tira e lava. Precisa ver que beleza gasta muito sabão de pedra, mas as cinzas e o sabão deixam as panelas brilhando de novo pro outro dia a gente fazer mais doce (ISABEL, 2005).

Organizar e preparar a produção dos doces é uma das atividades muito importantes do festejo, pois é em torno de afazeres como estes que se aglutinam homens e mulheres de diferentes gerações e famílias

que têm contato com o festejo desde décadas passadas.

Como já demonstramos, a realização do banquete envolve inúmeras pessoas (festeiros, cozinheiros, auxiliares de cozinha e limpeza, controladores da entrada e saída do barracão...). No entanto, é importante observar que todos estes demonstram preocupação com a garantia, com a boa qualidade da alimentação, não só por respeito aos participantes, mas também pela vigilância sanitária.

A gente acompanha a festa dando uma mão, ajudando, vendo como está sendo preparado os alimentos, evitando assim complicações, para não dar problemas. Eu venho pela prefeitura, mas principalmente por mim, eu gosto da festa, eu ponho a mão na massa. Eu participo da festa desde quando eu nasci. Aqui dentro do barracão já estou a quatro anos. A festa pra mim é muito importante pra resgatar valores familiares, tradição, reuni famílias e amigos. Os problemas da vigilância sanitária agente vai resolvendo aos poucos, o maior deles é estrutura, o barracão, a cozinha; mas está melhorando a cada ano, o serviço é grande, mas eu me sinto muito bem aqui e a gente não tem problemas com a higiene; tudo é muito bom, de qualidade.³⁴

A preocupação da vigilância sanitária com a

³⁴ Júnior - Nome fictício. Entrevista realizada no ano de 2005, na cidade de Silvianópolis - MG, no barracão durante os preparativos da festa. Depoimento.

higiene se deu a partir de um caso de contaminação alimentar, ao servirem uma salada de maionese, que levou dezenas de pessoas ao hospital municipal da cidade e da região. Desde então, tal produto não é utilizado nas refeições do festejo, e as sobras de comida são eliminadas.

A Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário tem a preocupação em melhorar as condições do barracão.



Imagem 15: DOMINGUES, Andrea S. Alpendre do lado direito do pátio onde fica o barracão, servindo os doces aos participantes. 2004.

O servir das refeições segue um ritual importante, os primeiros a serem atendidos sempre são os ternos de congo, recebidos com prestígio e diferenciados dos outros convidados, pois estes, com muito respeito e organização glorificam, agradecem e em orações cantadas e faladas que fazem parte do ritual da festa.

"A festa da igreja para os padres,
e a festa de Nossa Senhora do Rosário
para as pessoas do cativoiro"



Capítulo II

“A FESTA DA IGREJA PARA OS PADRES, E A FESTA DA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO PARA AS PESSOAS DO CATIVEIRO”³⁵

“Calcula-se que desde 1780, o Padre Manuel Negrão, foi transferido de Guaratinguetá-SP, e fundou a Irmandade, hoje a Associação de Nossa Senhora do Rosário e deu início à primeira festa”³⁶

Pensando as Irmandades como expressão de identidade e cultura, cruzando documentações da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, registros do livro tombo da paróquia da cidade de

³⁵ Afonsina Patrício de Moraes. Entrevista realizada no ano de 2004 na cidade de Silvianópolis- MG, em sua residência. História de vida.

³⁶ Extraído do texto: de Carlina de Moraes Dutra, intitulado “Festa do Rosário em Silvianópolis, antiga Sant’Ana do Sapucaí” do ano de 2000, localizado na Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário.

Silvianópolis e depoimentos orais, foi possível refletir sobre os espaços de sociabilidade e sobre a devoção criada na experiência da festa, permitidos ou reprimidos pela igreja católica e sobre a constituição da Irmandade hoje Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário neste município.

A paróquia de Silvianópolis que no século XVIII pertencia à província de São Paulo já incluía em seu calendário eclesiástico a festa de Nossa Senhora do Rosário.

As referências à organização do festejo em homenagem a Nossa Senhora do Rosário aparecem desde 1786³⁷, no entanto a Irmandade do Rosário aparece citada na documentação do livro tomo da paróquia de Santa Ana (Padroeira da Cidade), principalmente na década de vinte, momento em que há tensões constantes entre os membros da Irmandade e os representantes da Igreja Católica. Contudo conseguimos localizar no acervo da Associação um

³⁷ Livro de tomo 29 de novembro de 1786, documento assinado por Padre pároco responsável Manuel Lescura Banher 1901-1955, localizado na paróquia de Silvianópolis-MG.

certificado expedido pela Irmandade do Rosário, cuja data parcialmente ilegível, permite apenas a verificação do século em que foi expedido, este do século XVIII.

Importante ressaltar que em 1937 a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passou a se chamar Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, conforme consta em seu primeiro livro de Ata com abertura em 13 de junho, passando então os registros desta instituição a serem lavrados e organizados pela denominada Associação.

Os objetivos da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário eram de:

Promover a caridade entre os menos favorecidos, o culto a Nossa Senhora do Rosário nos estilos tradicionais e a celebração da tradicional festa do Rosário, zelando pela conservação dos mesmos costumes, estilos, tradições e cerimoniais que a caracterizavam desde os primórdios.³⁸

O mesmo documento dedicava-se a descrever a hierarquia administrativa e as atribuições de cada membro, sendo este composta de: presidente, vice-

³⁸ Ato constitutivo e estatuto da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, art.2º.

presidente, secretário, tesoureiro e um conselho de dez membros.

O presidente era quem resolvia todas as questões administrativas e representava a Associação judicial e extrajudicialmente, o vice-presidente substituíva o presidente em sua ausência, ao secretário competia às questões burocráticas (organização de livros e arquivos), ao tesoureiro a guarda dos bens móveis e bancários. Ao conselho bem como a todos os membros da diretoria competia votar nas reuniões para tomada de qualquer decisão e deliberação.

A juízo da diretoria poderiam ser aceitos como sócios, pessoas considerada idôneas, maiores de 18 anos de idade, que se dispunham a contribuir para a Associação, pagando uma anuidade³⁹ fixada pela diretoria e prestando os serviços necessários para que a Associação atingisse seus objetivos⁴⁰.

Desde o início as reuniões da Associação

³⁹ Na ata de 16/06/47, há o aceite pela diretoria de um número de 24 novos membros na Associação onde nesta mesma data se propõe: “Pela diretoria foi feita à proposta de ser a taxa de (ilegível parece 94,00) anuidade de associados elevada para CR\$ 200, proposta esta aceita não só pela diretoria como também por grande numero de associados.”

⁴⁰ Art. 13 – Dos sócios do Ato constitutivo e estatuto da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário.

acontecem anualmente, por ocasião do mês de junho, no dia 13 de junho (início da festa) para eleger os festeiros do próximo ano e, no último final de semana do mês de junho para encerrar o festejo e repassar a responsabilidade da festa aos novos eleitos. Há também reuniões extraordinárias que são convocadas pelo presidente; em cujas atas percebemos um detalhe importante: oferecimento de um sepultamento considerado digno aos associados e familiares (esposa e filhos), para o qual todos os membros da Associação são convidados *“a velar, rezar e enterrar o falecido”*⁴¹. Oferecer aos membros uma cerimônia fúnebre digna torna-se mesmo não oficialmente, uma das atribuições da Associação (REIS, 1991).

A pesquisadora Marina de Melo e Souza ao discutir as irmandades diz:

As irmandades de “homens pretos”, espaços que permitiam um maior controle sobre os africanos escravizados e seus descendentes, cativos ou livres, ao mesmo tempo em que possibilitavam o desenvolvimento de relações específicas a estes grupos, que nelas encontravam formas de afirmação social e cultural, foram lugares nos

⁴¹ Por exemplo: Ata da Associação do Rosário de 13/06/1978.

quais as eleições de reis negros e as comemorações que as acompanhavam atingiram maior complexidade e significação (SOUZA, 2002, p.251).

A autora aponta o caráter ambivalente das irmandades, se por um lado se constituíam como espaço de controle, por outro possibilitavam formas de afirmação social e cultural dos negros.

Mesmo nos dias atuais, guardadas as diferenças de tempo e circunstâncias, essa ambivalência se mantém. A análise da festa de Nossa Senhora do Rosário em Silvianópolis, também aponta para esse caráter ambivalente.

Dona Isabel (2004) afirma:

Veio para Silvianópolis um padre de Taubaté, Pindamonhangaba, e ele incentivou. A escravidão principalmente aqui era muito forte, pela extração do ouro. Ele para cristianizar, fazer uma catequese, misturou né... trouxe para cá a tradição da festa de reis, a congada, por ele ter sido padre na região de Pindamonhangaba lá ele já conhecia, certamente ele gostava dos grupos e vindo pra cá, vendo que a ascendência de raça negra era muito grande, ele organizou, ele simplesmente incentivou aquilo que já possuíam e levou em frente.

Dona Carlina (2005) lembra:

Porque naquele tempo, a nossa paróquia tinha sido criada pelo bispado de São Paulo. Porque Silvianópolis já pertenceu a Pouso Alegre, Pouso Alegre já pertenceu a Silvianópolis, uma coisa assim, essa coisinha entre cidade. Então nessa época, esse padre sendo paulista; ele foi designado pra vir para a nossa terra, pra nossa paróquia. E aí o padre Negrão deu início a esta festa, em 1780, com todo o ritual trazido de Guaratinguetá.

Edivaldo já nos diz que a igreja vai suprir a falta de fé:

Essa festa já vai completar 224 anos nesse ano. Então é uma coisa que é mais velha que a “lei Áurea”, né. Então veio passando de geração para geração. Porque esse movimento vem dos nossos antepassados, dos negros, da época dos escravos. Eles não tinham algo pra fazer. Então o padre Manoel trouxe, fundou esse movimento na época da escravidão. Era maneira deles adorar alguma coisa né (EDIVALDO, 2005).

Dona Afonsina, ao rememorar diz:

A festa é do cativo; foi deixado por Deus para os homens pretos no cativo. E a igreja criou a Irmandade para levá os homens que trabalhava nas minas, pra eles poderem rezar sem sofrer (AFONSINA, 2004).

Ao falar do festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis, torna-se recorrente na memória dos depoentes a referência à origem remota (século XVIII) e cristã da festa, sempre realizada por iniciativa de um padre que tentava catequizar os negros.

A historiadora Laura de Mello e Souza (1987) já apontava que a preocupação da igreja católica em delinear o que é sagrado e o que é profano, e em estabelecer os parâmetros dentro dos quais deveria ocorrer a relação da igreja com os escravos negros e com a população em geral, remonta ao período colonial. Os registros no livro tomo (1922) da paróquia de Silvianópolis denotavam tal preocupação. Considerando a festa como um momento de conflito entre os membros da Associação e representantes da igreja, o referido documento tentava demonstrar que a festa de Nossa Senhora do Rosário era um evento no qual os costumes eram considerados profanos, como a “prática das jogatinas, esbanjamento de dinheiro dos fiéis em comidas e bebidas” ⁴².

No ritual da festa, há momentos de manifestação

⁴² Registrado no livro de tomo da paróquia de Santa Ana, na cidade de Silvianópolis, datado em 18 de janeiro de 1922, p. 109

do sagrado (orações, novenas, promessas...) e do profano (jogos nas barracas, bebidas, danças...) que se mistura, se entrelaçam, com ou sem a permissão da igreja.

O sagrado e o profano não se excluem, embora sejam formas diferentes de representarmos à realidade; pois o homem religioso segundo Mircea Eliade “crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade” (ELÍADE, 1992, p.163).

É significativo perceber a insistência dos depoentes em afirmar que a festa de Nossa Senhora do Rosário iniciou-se com a intervenção da igreja católica na figura de um padre⁴³, como estratégia, ora de controle, ora de catequese dos escravos e negros.

Documentos de época nos permitem afirmar a existência de situações de conflitos entre os preceitos da

⁴³ Na obra organizada pelo Cônego João Eustides de Oliveira, que relata a história de todas as paróquias ligadas à diocese de Pouso Alegre observa-se que o padre Manoel Negrão do Monte Carmelo, responsável pela organização do festejo de Nossa Senhora do rosário, permaneceu em Santa Ana no período de 1780 a 1795. Ver: OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). *A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950*. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.

igreja e as práticas, rituais dos negros na celebração da festa.

Esteve em visita à paróquia, de 17 a 29 de novembro de 1786, o padre Manoel Lescura Banher, vigário de Guaratinguetá e visitador ordinário do bispado de São Paulo. Notou esse visitador que o 1º livro tombo⁴⁴ estava em péssimo estado e ordenou que fossem trasladados para outro livro novo o termo da devolução da paróquia ao bispado de São Paulo e um capítulo de visita a respeito do sempre abominável, péssimo e terrível uso dos batuques, cujo capítulo he mandado observar nessa freguesia ...>>> notou ainda que não havia confrarias, mas já existiam bens pertencentes a Nossa Senhora do Rosário⁴⁵.

Fica patente neste documento o desagrado que os batuques provocavam no clero.

O conflito entre os membros da igreja e os participantes do festejo é reafirmado, não apenas pela

⁴⁴ Xérox do Livro tombo 1766- 1797. O primeiro livro tombo da paróquia de Silvianópolis antiga Sant' Anna do Sapucahy ainda encontra-se de posse da cúria do município de Pouso Alegre, e sem acesso por pesquisadores por estarem em fase de organização do arquivo da Cúria; mas mesmo não tendo contato com o tombo original realizamos a leitura de uma cópia xerocopiada que permitiu observar que os registros eram em sua grande maioria de transcrições de cartas recebidas de príncipes e bispos, mas de impossível leitura detalhada pela má preservação e qualidade do material.

⁴⁵ OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.p. 2002.

posse de bens, mas também pelos costumes e diferentes maneiras de como realizar a comemoração.

Os costumes dos homens negros, escravos e suas congadas provocavam sentimentos de abominação por parte dos representantes da igreja que visitavam a cidade.

A Irmandade já existente, pelo menos desde 1788, posteriormente transformada em Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, tornou-se um espaço de preservação das tradições dos homens negros, onde poderiam recriar seus costumes, laços comunitários, identidades grupais, possibilitando a aceitação dos negros e de suas diferenças, ainda que excepcionalmente em situação de festa.

As tensões entre as autoridades eclesiásticas e os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passavam pelas disputas sobre a realização da festa.

Faça constar que no dia 06 de janeiro tive uma conferência com os Srs irmãos que compareceram a Directoria da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ficando todos eles serem à vontade do Senhor Bispo e dos propósitos que tinha que mandar o procedente portaria. Exepetuamo dois irmãos que se manifestaram respeitosos e obedientes para as

disposições da Autoridade Diocesana, todos os outros deram signaes de mau espírito e de estarem dispostos a não obedecer no mandato de expressão da Festa da irmandade de Nossa Senhora do Rosário no mês de junho. Chamei-os a considerar severamente o proceder deles, protestando esse facto, contra aquelle acto de rebeldia manifestada por aquelles que mais deviam salientar se na Parochia pelo fervor religioso e pela submissão e obediência a auctoridade Ecclesiástica. Fique lançado o meu protesto neste livro de tombo como um dado mais para aquelle que deseja conhecer a história documentada da Irmandade de Nossa Senhora do rosário em Silvianópolis. Silvianópolis, 2 de fevereiro de 1922. P. Daniel Chaváni.⁴⁶

A não-aceitação das disposições por parte da maioria dos irmãos (exceto dois) era vista pela Diretoria da Irmandade e pelos representantes da igreja como “maus espíritos”.

O padre Daniel Chaváni⁴⁷ faz questão de lançar o seu protesto, por escrito no livro tombo, para que ficasse registrado e se tornasse parte da história “documentada” da Irmandade, pois o registro no livro tombo conferiria ao seu protesto uma força maior.

⁴⁶ Livro de tombo 1901-1955, localizado na paróquia de Silvianópolis-MG, p.98.

⁴⁷ Encarregado da paróquia na ausência do senhor vigário e autorizado pelo bispo de Pouso Alegre Octavio Miranda.

A década de vinte foi um dos períodos mais tensos em torno da questão religiosa, vivenciada entre a igreja e os representantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. A disputa pelo controle da festa e de como e quando esta devia acontecer foi motivo de reuniões e discussões entre o poder eclesiástico e os membros da Irmandade. Essa relação conflituosa levou a igreja a proibir a realização da festa no mês de junho, alegando que a data de 29 de junho é dia de comemoração dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo. Apesar disso, festa não mudou o seu período de realização e manteve seus costumes denominados de “profanos” como as barracas de jogos, alimentos e bebidas.⁴⁸

A Irmandade e a festa eram também um espaço de negociação dos escravos com os brancos, para poderem exercer suas crenças de origem africana, servindo dessa maneira como estratégia dos negros diante da dominação da igreja católica.

A festa é do cativo; foi deixado por Deus para os homens pretos no cativo. E a igreja criou a Irmandade para levá os homens que trabalhava

⁴⁸ Registro de 18 de janeiro de 1922, p. 109 do livro tombo.

nas minas, pra eles poderem reza sem sofrê
(AFONSINA, 2004).

Dona Afonsina, através de suas lembranças, remete-se a diferentes momentos, o que chama de tempo do cativo, ligando-o sempre a Deus e à igreja católica.

A tradição que se transmitiu pela oralidade ao longo desses duzentos anos, que estabelece a ligação do festejo com os tempos do cativo, tem para os participantes negros um sentido político muito forte, de afirmação de sua identidade étnica. Vivenciar a festa anualmente significa estabelecer um elo entre o passado e o presente, uma tentativa de encontrar o passado no presente, uma forma de reafirmar uma identidade e reatualizá-la.

Com o tempo, essas confrarias, irmandades ou Associações desprendem-se da igreja católica, tornando-se instituições laicas.

Ao referir-se à origem da festa Dona Carlina tende a ter uma atitude conciliadora, da igreja com a Irmandade, vista de forma harmoniosa, amenizando as tensões.

É essa devoção com nossa senhora à gente precisa falar. É uma devoção! Eu falo assim que Santana, Silvianópolis tem duas protetoras: Santana porque foram trazidas pelos bandeirantes – Paulistas vieram de Moji das cruzeiros tanto é que lá Santana também é padroeira e eles trouxeram e fizeram Santana também padroeira patrona da cidade. Agora eu acredito que seja com esse padre que iniciou a festa do Rosário, iniciou a devoção a Nossa Senhora do Rosário porque ela a santa a mãe de Deus, ela seja protetora de negros eu acredito que foi uma assim uma isso o padre que quis. Porque os negros precisavam também de ver cantar, dançar né aí a igreja católica naquele tempo à separação era muito grande entre os escravos e o senhor. Então Nossa Senhora do Rosário tem uma ligação com coisas da África. Lá ela não é homenageada como aqui, lá não tem festa do rosário, na África. Mas nós aqui temos porque um padre achou que tinha que favorecer, proteger o negro (CARLINA, 2005).

Dona Carlina, em sua memória, fala que havia a separação dos negros e brancos, e que a religião católica exerceu sua influência sobre os homens negros utilizando-se do festejo; como uma forte estratégia de dominação.

Na narração de dona Carlina, quando diz “*Mas nós aqui temos porque um padre achou que tinha que favorecer, proteger o negro*” ela interpreta a ação da

igreja como de proteção.

Mas ao se referir à demolição da capela do Rosário critica a posição e intolerância da igreja de forma mais contundente.

Primeiro tinha uma capela que também foi desmanchada antes d'eu nascer. E ai essa capela tinha então a devoção e tudo era cultuada ali, nessa capela que não conheci e nunca vi foto dessa capela procurei já. E ai então o Bispo acho que em 1920, 1922 acho que por ai. Ele falava que a festa do Rosário era uma festa profana de muito jogo e a igreja é muito contra né. E ai que naquele tempo a igreja católica era assim protetora, mas também era dona, até da consciência, eu acho. E aí então, que o bispo fez? Chamou a diretoria da associação. Naquele tempo o registro era da irmandade de nossa Senhora do Rosário. O senhor bispo da época foi e mandou desmanchar a igreja. Ele queria acabar. Porque essa festa é muito profana, essa festa não é religiosa, a igreja tinha que ter um argumento. O povo vinha pra dançar, pra comprar, pra jogar uma série de coisas que na nossa filosofia cristã, católica não é aceitável. E ai desmanchou a igreja (CARLINA, 2005).

A fala de Dona Carlina, embora crítica, expressa certa ambiguidade ao se referir “*a nossa filosofia cristã*”.

A demolição ocorrida no final da década de 20, é um dos episódios marcantes nos registros orais e escritos sobre a Associação. As relações da igreja com a

Irmandade, hoje Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário em relação à festa sempre foi conflituosa, mas esta se modifica de tempos em tempos, podendo ser mais tranquila em alguns momentos.

Na década de vinte e no início dos anos trinta, período mais conservador da igreja, o festejo não era aceito pelas autoridades cristãs, pois mantinha formas de cultuar Nossa Senhora através de danças, e das congadas, e também costumes como os jogos e bailes considerados profanos.

Na portaria datada de 26 de junho de 1929⁴⁹, localizada no livro tombo da paróquia de Silvianópolis, foi registrada a demolição da primeira capela de Nossa Senhora do Rosário, organizada e autorizada pelo responsável, sendo os restos da demolição utilizados para

⁴⁹ “Outubro Portaria que concede licença para demolição da capella de Nossa Senhora do Rosário. Lê- se: Attendendo ao que nos representaram o Sr. Júlio Corrêa Beraldo e mais 54 habitantes de Silvianópolis e conhecendo de visu o estado ruinoso da Capella de Nossa Senhora do Rosário da mesma freguezia. Achamos por bem conceder licença para que se possa demoli-la devendo antes o Reverendo Vigário transladar solenemente para a outra igreja as imagens e declarar profanada a capella diante das testemunhas. Concedemos igualmente licença para se empregar o material da capella na construção da villa Vicentina” “Aos 6 de outubro de 1929 devidamente autorizado por portaria do Exmo Presidente Dr. Bispo diocesano em presença das testemunhas abaixo emigradas declarei pro formada esta

construírem uma Villa Vicentina que pertencia à igreja católica.

Essa disputa de poder, que levou à demolição da capela estremeceu ainda mais as relações entre a igreja e a Irmandade, retirando a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário das mãos do clero, contrariando o calendário oficial da igreja, que adota o mês de outubro como dedicado a Nossa Senhora.

Ao contrário de outras festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário como já foi dito anteriormente, em Silvianópolis, o espaço onde fica a imagem da santa, não é na matriz da cidade ou em qualquer outro templo católico.

No início dos anos trinta iniciou-se a construção da chamada “Casa Santa”⁵⁰, próxima à matriz e praça central da cidade, onde até hoje se realiza parte do cerimonial da festa.

⁵⁰ Os habitantes da cidade de Silvianópolis chamam o local onde fica a Imagem de Nossa Senhora do Rosário e onde funciona a Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário de Casa Santa, pois é ali que nos dias de festa se reúnem para realizar as orações e homenagem a Santa do Rosário.

Contemporaneamente esse espaço “sagrado”, com apropriações consideradas “profanas” pelos representantes da igreja, é um espaço de sociabilidade de homens negros e brancos, ricos ou pobres.



Imagem 16: GONÇALVES, José Roberto. Altar e mesa de reunião dentro da Casa Santa. 2006.



Imagem 17: DOMINGUES, Andrea. Participantes das orações e escolha dos festeiros dentro da Casa Santa.

2005.

Nos dias do festejo as ruas da cidade tornam-se muito frequentadas por moradores, filhos da terra que retornam para encontrar os familiares e visitantes do campo e de outros municípios, que vivenciam a festa, seja pela fé e devoção à santa ou pelo prazer de desfrutar dos

mais diversos atrativos, alguns deles trazidos de gerações passadas.

Então é uma festa de fé, de encontros e reencontros. Os ausentes se encontram aqui, os filhos da terra retornam, é um encontro de família e amigos (ZÉLIA, 2005).

E, eu já vim preparada porque a família toda já tem essa festa como momento importante, junho ninguém falha. Pode acontecer o que acontecer que todos vêm pra Silvianópolis (VALQUÍRIA, 2005).

A festa de Nossa Senhora do Rosário expressa o universo religioso, familiar e de reencontro, onde a cidade é experimentada das mais variadas formas, com sentimentos diversos e representações coletivas que são produzidas no imaginário de quem participa do festejo. Nesses dias o que se vê nas ruas são manifestações de saudades, reencontros e abraços apertados, amigos, filhos e pais felizes por estarem novamente juntos.

As narrativas orais também se referem à permanência até os dias atuais de significativos conflitos na relação entre os representantes da igreja, organizadores e participantes dos festejos de Nossa Senhora do Rosário. Na memória dos depoentes

aparecem menções ao descontentamento do padre José Francisco de como a festa é realizada e sua recusa em participar da mesma.

O padre não gosta muito dessa festa, porque não pega um tustão de ninguém. Porque as festas que ele faz, a festeira pede esmola e dá tudo pra ele. Então elas tiram as esmolas e dá tudo pra ele, pra igreja. Então é a onde é que ele não quer né, foi a onde ele falou pra mim meter o porrete na cabeça da Santa (ISABEL, 2004).

A época em que me concedeu seu depoimento Dona Isabel, católica praticante e membro ativo do festejo de Nossa Senhora do Rosário, tentava convencer o padre a celebrar uma missa campal. Em sua fala expressa sentimentos de descontentamento com a recusa do pároco.

A relação dos padres com a festa depende muito de quem ocupa a direção da paróquia e de como pensa a festa de Nossa Senhora do Rosário, pois em outros anos houve realização de missas fora ou dentro da igreja.

Na busca de refletir sobre os diferentes sentidos dos festejos e da relação de seus participantes com a igreja foi importante entrevistar o padre José Francisco, homem alegre e muito atencioso, que relata:

A festa do Rosário prejudica sim um pouco a festa de Santa Ana, quem é que vai querer fazer que vai querer fazer uma Festa de Santa Ana depois de uma Festa do Rosário? E o povo tem bezerro para a festa do Rosário, esmolas grandes, donativos pro santo né, doadas para a santa isso não tem nada de reverte para a paróquia, em nada, nada, nada, é da organização, da associação e para a igreja não tem nada (JOSÉ FRANCISCO, 2006).

O padre justifica sua não participação na festa de Nossa Senhora do Rosário, estabelecendo uma hierarquia entre as festas, segundo a qual a festa de Santa Ana teria uma legitimidade maior por ser realizada pela paróquia. Analisada a contrapelo, sua fala nos revela o enraizamento da festa do Rosário na cultura popular, quando se refere à disponibilidade do povo em ceder donativos para a festa de Nossa Senhora do Rosário e não para a festa de Santa Ana.

Embora em algumas narrativas a questão econômica apareça como explicação da não participação da igreja no festejo, os motivos de tensão são predominantemente religiosos. A festa de Nossa Senhora do Rosário tem uma participação intensa e consciente da população (jovens, crianças e idosos), tornando-se um

momento de construção de fortes referências indenitárias, no qual muitos, principalmente os mais pobres, brancos ou negros vêem a oportunidade de poder ocupar a cidade e tornarem-se visíveis.

A cidade vivencia duas festas religiosas que são entendidas de maneiras diferenciadas.

Dona Afonsina em suas lembranças diz que:

Deus deixou, Jesus deixou separado, a festa da igreja para os padres, e festa da Nossa Senhora do Rosário para as pessoas do cativoiro. Foi deixado assim. Foi deixada essa festa para eles. Tudo separado. A do padre separado e a do Rosário separado. Entanto que a do Rosário nem tinha casa, um lugar dela. Mais agora ganhou um pouco de dinheiro eles fizeram um lugar, a casa santa, a igrejinha dela. É assim sem o padre (AFONSINA, 2004).

Dona Afonsina, católica praticante e devota de Nossa Senhora do Rosário desde criança, em toda sua simplicidade, fala da separação do festejo envolvendo um forte sentido religioso. Quando diz “*Deus fez assim*”, se refere ao mesmo tempo à exploração e resistência dos negros do cativoiro.

Para a depoente, a festa é um direito que não

vem da igreja, mas vem de Deus, e a “Casa Santa” é o lugar legítimo de Nossa Senhora do Rosário. A tradição confere legitimidade à festa, pois, existir há tanto tempo mostra sua força.

Padre José Francisco também rememora:

A gente respeita a festa enquanto festa de povo. Não tem problema também com a diretoria da associação e os festeiros. Que é todo mundo da igreja, são pessoas religiosas. A diferença é que a festa do Rosário é de tradição e de Santa Ana é de igreja, da padroeira da cidade (JOSÉ FRANCISCO, 2006).

Para o padre José Francisco, ser parte de uma tradição é justamente o que retira a legitimidade da festa de Nossa Senhora do Rosário e a coloca num campo diferente da de Santa Ana.

É neste campo de mudanças e de disputas, cercado de interesses e reivindicações, que realizamos a pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, onde foi possível buscar o sentido do festejo na visão de homens e mulheres, organizados ou não pela Associação, responsáveis por uma prática que, independentemente de suas intenções exerce a função de integrar diferentes

segmentos, reafirmar alianças, criar novas possibilidades de manter a festa na cidade de Silvianópolis por mais de duzentos e vinte e seis anos.

"13 de junho, é igual a 13 de maio,
libertação dos escravos, de São Benedito"



Capítulo III

“13 DE JUNHO, É IGUAL A 13 DE MAIO, LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS, DE SÃO BENEDITO”⁵¹

“Ê conga,

*É dever aueeee congado... Vá
embora com Deus,*

*vá embora com Deus congado
aueee, vai embora com Deus”⁵²*

Considerado uma das manifestações culturais mais presente no imaginário dos homens negros, primeiro dos escravos e posteriormente dos homens livres, a dança de congo, a chamada congada, tem um papel fundamental no festejo de Nossa Senhora do Rosário, podendo ser entendida como um processo de

⁵¹ AFONSINA, 2004.

⁵² Palavras cantadas por Cercelino em entrevista, 2003.

afirmação dos homens negros, que através desta prática reafirmam experiências e formas de resistências.

A dança de congo, a chamada congada, tem uma relação com Nossa Senhora do Rosário, que no calendário eclesiástico possui seu dia de comemoração no mês de outubro. No entanto em Silvianópolis, a festa de Nossa Senhora do Rosário é comemorada no mês de junho, que vem de uma tradição portuguesa e obedecia aos rituais e calendário eclesiástico (MEYER, 2004).

No Brasil a devoção a Nossa Senhora do Rosário há séculos é cultivada pelos escravos e libertos, ainda o é pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e por parcelas significativas de afro descendentes. Em sua origem, as Irmandades tinham caráter ambivalente, se por um lado se constituíam como espaço de controle, por outro possibilitavam formas de afirmação social e cultural dos negros.

Os participantes negros (velhos e jovens) da festa de Nossa Senhora do Rosário, ao falarem do significado da mesma, associaram-na à devoção aos seus santos de proteção: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Em suas narrativas os dois santos aparecem

indissoluvelmente ligados:

Eu sou da congada por fé e agradecimento a Nossa Senhora e São Benedito. Posso tá doente de cama, mas quando chega o dia eu levanto e vou com a congada, é parte de minha vida e muita fé (CERCELINO, 2003).

A gente não pode dançar feio, a roupa tem que tá limpinha e brilhosa. A gente fica bonito pra São Benedito e Nossa Senhora (CERCELINO, 2003).

Nos cantos entoados pelos congadeiros o santo mais invocado é São Benedito. Nossa Senhora do Rosário aparece nas orações tradicionais do ritual católico e em alguns cantos dos congadeiros.

São Benedito glorioso, bom amigo de Jesus. Desde a Infância espalhaste mil virtudes clara luz. Ensinaí-nos São Benedito, ser humilde como vós, para Deus è honra e glória e o universo é para nós. São Benedito, Santo de Deus amado, seja no céu nosso advogado (CERCELINO, 2003).

Quando aqui chegamos o povo reuniu prá ver a turma nossa na beira do rio, a nossa mensagem para o céu subiu foi São Benedito que garantiu ⁵³.

Foi, foi, foi São Benedito, quando afinal chegou seu dia foi levar sua coroa pro rosário de Maria. Meu sinhô São Benedito, a sua casa cheira, cheira cravo, cheira rosa, cheira flor de

⁵³ Letra cantada pelos congadeiros no cortejo.

laranjeira⁵⁴.

Os congadeiros e congadeiras, jovens, crianças e idosos, no dia do festejo tornam-se os protagonistas centrais do evento.



Imagem 18: DOMINGUES, Andréa S. Congadeiros de diferentes gerações. 2005.

Os ternos de congo que participam do festejo

⁵⁴ Letra cantada pelos congadeiros no cortejo.

eram compostos por homens e mulheres em sua maioria negros de diferentes idades. Na cidade de Silvianópolis os congadeiros, oriundos da população mais pobre residem nos morros da cidade.

Para seu Cercelino, ser um dos mais antigos congadeiros da cidade é motivo de muito orgulho e respeito:

Eu tenho muito orgulho de ser congadeiro, a gente é respeitado, pela nossa fé e devoção. Eu sou da congada por fé e agradecimento a Nossa Senhora e São Benedito. Posso tá doente de cama, mas quando chega o dia eu levanto e vou com a congada, é parte de minha vida e muita fé (CERCELINO, 2003).

A congada para seu Cercelino não é entendida como brincadeira. Muito mais que dançar, cantar e tocar, ele leva a função de congadeiro com muita seriedade, uma manifestação religiosa, de crença aos seus santos de devoção. Ser congadeiro para Cercelino é ir além da performance do dia do festejo, é um momento de reafirmar sua fé, parte integrante de seu cotidiano; uma ação que possibilita a apresentação pública de sua religiosidade para os participantes da festa daquela e de outras localidades.

É importante agradecer a Deus, o dom que Deus deu pra gente. Prá muitas pessoas o congado é uma festa, é uma brincadeira, mas pensando bem não é não! O congado é uma celebração religiosa, é uma parte religiosa da festa também. Então a gente tem que está agradecendo a Deus em nossas orações cantadas. (cantando) São Benedito glorioso, bom amigo de Jesus. Desde a Infância espalhaste mil virtudes clara luz. Ensina-nos São Benedito, ser humilde como vós, para Deus è honra e glória e o universo é para nós. São Benedito, Santo de Deus amado, seja no céu nosso advogado (CERCELINO, 2003).

O cotidiano de seu Cercelino é repleto de referências da congada; sua residência é seu “congo”, casa de tijolos e barro, no morro da cidade de Silvanópolis, poucos móveis, santos nas paredes, viola pendurada, fogão à lenha, roupas e estandartes do congado espalhados pelo quarto. Em vários momentos durante as entrevistas sua narrativa era cortada por canções, como forma de melhor demonstrar os sentidos dessa prática cultural.

Há a percepção pelos próprios congadeiros dos sentimentos relacionados ao congado, podendo este ser vivido também como momento de lazer dentro do festejo. No entanto, Cercelino reafirma que além do lazer esta é também uma celebração religiosa, que através da dança e das orações cantadas agradecem e pedem proteção a

Deus e aos seus santos negros, como São Benedito, por exemplo.

Neste momento é possível perceber que o sagrado e o profano não se excluem da congada e do festejo; não sendo formas opostas de representar a realidade; pois o homem religioso *“crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade”* (GIRARD, 1990, p. 163). Nas congadas, a religiosidade se faz presente em diferentes momentos, seja no cortejo, na hora da alimentação, na dança ou nas canções, envolvendo diferentes sujeitos, realizando uma interlocução entre diferentes culturas misturando o profano e o sagrado.

...Geralmente tem muitos lugar que faz a congada pela fé, agora tem muitos lugar que faz, pra nunca acaba a festa, pra num acaba e não desanima o pessoal também. Agora tem muito que já tem aquele negócio assim por dentro do coração que é o seguinte, que a congada é pela fé. É o seguinte ele recebeu aquela graça ele tem que fazer⁵⁵.

⁵⁵ Depoimento de João Expedito, congadeiro de Careaqu-MG.

João Expedito em suas lembranças valoriza a congada enquanto atividade religiosa, percebe-se aí também o entrelaçamento do profano e do sagrado, ao mesmo tempo em que há pessoas que realizam a congada com fé, conforme nas afirmações; *“já tem aquele negócio assim por dentro do coração”* há também *“muitos lugar que faz, pra num acaba a festa”*. Esta representação simultânea do sagrado e do profano, mostra-se de maneira clara principalmente durante o cortejo. Na festa de Nossa Senhora do Rosário, homens e mulheres dançando, divertindo-se, brincando, fazendo do festejo um momento de aliviar as tensões, portanto de lazer convivem, nessa mistura, com os atos de comemoração e celebração religiosa. Essa ambivalência da festa nos alerta para *“a complexidade dessa forma de expressão, de grande riqueza para o descortínio das atitudes, valores e comportamentos dos diversos grupos sociais”* (SOIHET, 1998, p.25).

Os ternos de congo são parte integrante da cidade de Silvianópolis, estes se fazem presentes na maioria das datas comemorativas, como uma forma de atrativo aos moradores e visitantes da região. Foi possível perceber o que significa a congada como

tradição viva que articula o passado e o presente na narrativa de Dona Carlina, moradora da cidade e membro da Associação de Nossa do Rosário, de Silvanópolis, quando diz que o batuque dos congos teve uma grande influência no Brasil, e que a dança da congada, varia de região para região.

A congada era dançada em círculo, onde no centro ficavam duas pessoas dando umbigada enquanto as pessoas em volta batiam palmas, ou seja, a dança da congada consistia em formar uma roda dentro do qual saiam pares que bailavam dois a dois, tomando ares provocadores, quem entrava na dança cantava em coro, um dos dançarinos ao centro dava uma umbigada em outra pessoa que escolhia na roda e esta ia ao centro substituí-la e repetir o ato, essa era a congada dançada no passado, hoje tem uns ternos de congo que ainda mantêm parte deste ritual (CARLINA, 2005).

Dona Carlina, professora de história aposentada, em suas palavras, traz conhecimentos adquiridos pelas leituras de memorialistas e obras que se referem à congada, e relata os possíveis procedimentos da dança em tempos não vividos por ela (anteriores à década de quarenta). Como a própria depoente ainda afirma, é possível perceber que alguns ternos de congo ainda trazem experiências do passado em suas coreografias.

Na tentativa de compreender como a congada passou a ser uma prática cultural e social, vivenciada pelos depoentes, utilizamos novamente da memória de Dona Afonsina:

Tinha a Festa de Santa Cruz né, a Festa que a gente ia mais é a de Santa Cruz. É uma cruz, fincada ali, a gente ia lá varria debaixo do pé dela, fazia uma caminhada, sabe. Santa Cruz é onde morre pessoa e faz uma cruz assim que fica plantado né, assim ficava um monte de criança e cada uma levava um copo de água e punha no pé da cruz, mas aí tomava primeiro, isso era no tempo da seca que fartava água, não tinha não era tempo de chuva, então nós ia pedia lá na Santa Cruz pra chove, pra chove nas plantação, então nós ia lá e quando nós voltava já tava chovendo, nós pedia pra Deus e Santa Maria Madalena que mandasse essa chuva pra nós. Depois que eu cresci um pouco já tinha Moçambique né, tinha Congada, Moçambique saia pra todo lado porque era pequeno agora a congada era grande e não da para sair (AFONSINA, 2005).

Dona Afonsina, ao rememorar sua infância e as suas experiências com os festejos, leva-nos a perceber que participar das festas religiosas é uma prática vivida desde muito cedo para muitos participantes da festa de Nossa Senhora do Rosário, por ser estes momentos de fé e lazer importantes para as suas famílias.

A memória de Dona Afonsina é povoada por várias lembranças das festas, faz referências em suas conversas ao que denomina de “festa de Santa Cruz”, mas que segundo suas próprias palavras era mais um ritual para pedir chuva em época e seca, do que propriamente uma festa.

Nas regiões de seca do norte de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, nos anos em que a seca era mais forte, era comum que as pessoas, principalmente as mais pobres, participassem de procissões, levando latas e potes de água e até flores para depositarem aos pés de um cruzeiro (cruz erigida em homenagem à Cristo).

Muitos chamavam este ato de “fazer penitência” e não havia qualquer semelhança com festa. O “clima” era clamar por misericórdia divina como último recurso diante da seca (perda da pequena lavoura e de animais). Quando a seca atingia os latifundiários, criadores de gado (pecuária extensiva), estes, mas principalmente suas mulheres, também participavam da “penitência”.

Provavelmente em algumas localidades a “penitência” fosse realizada, não em um cruzeiro, mas na sepultura de alguma criança considerada milagreira.

Nas suas lembranças, Dona Afonsina diz que a congada e o *Moçambique* também aparecem como experiências de sua infância:

Depois que eu cresci um pouco já tinha Moçambique né, tinha congada, Moçambique saia pra todo lado porque era pequeno agora a congada era grande e não da para sair (AFONSINA, 2005).

Nos encontros gostosos e demorados, na varanda da pequena Silvianópolis, no alto do morro da cidade, banhados a muito café preto e sequilhos, seu Cercelino, senhor de oitenta e três anos, mestre de terno de congo, negro, tímido, mas muito receptivo afirma que o congo *aprendia-se olhando*:

Conheci a festa, a congada com o pai, de vê eles dançá assim nós morava mesmo tudo junto. Meu pai tinha um terno de congo na cidade de Passo Fundo, eu os via dançá, mas mesmo assim, não junto com ele, o ensaio era mesmo por perto a gente ia lá passíá, eu fui acostumando, eu mexia... e gostei. Ninguém ensinava não, a gente ia ficando lá no meio, vendo o que eles ia fazendo, a gente ia aprendendo assim, mas sem eles dá ordem, a gente ia aprendendo olhando. Dizer que eles falava, tem que fazer assim, não, não falava pra ninguém. Ele falava olha nós vamos dança ai ele ia, mas tinha o ensaio, os ensaios que ensaiava e eu tinha uns nove anos

(CERCELINO, 2003).

Praticar, participar da festa quando criança era um momento de tradição para seu Cercelino que ainda “moleque” acompanhava o pai nos ensaios e “*ia ficando lá no meio e ia fazendo*”, era algo ativo na família, e seguindo o exemplo de seu próprio pai ele também se tornou congadeiro.

Desta forma, a congada para ambos os depoentes (Cercelino e Afonsina) vem de experiências de infância, vivenciadas de formas diferentes.

A referência a um passado de trabalho e de atividades rurais distantes da cidade faz com que os narradores ao falarem de suas vidas, lembrem-se das práticas cotidianas, repletas de trabalho e dificuldades financeiras e que, pertencer a um terno de congo poderia ser um desejo permeado de muita labuta, simbolismo e reafirmação da identidade cultural:

Eu conheci a congada quando eu morava na roça e tinha muita vontade de dançar congo. Vim na Festa do São Benedito. Ai eu comecei a ir à Festa do Benedito lá em Machado, mas não dançava congo não. Tinha vontade de entrar nos ternos e na época também, pra falar a verdade eu tomava uns gole também ai eu entrava nos ternos de

congo ai os guardas vinha tiravam, empurrava eu pra lá, eu rezava e uns tempo, se Deus quiser eu vou largar mão de bebida, se Deus quiser eu ainda quero dançar congo ainda. Foi um tempo, só estava apanhando café lá na roça, a seu Francisco Baiano foi trabalhar lá na fazenda e aí me chamou pra eu dançar no terno dele. Eu disse para ele que não tinha jeito de dançar. Eu tinha muitos filhos, to apertado, não tenho dinheiro, como é que eu vou fazer pra dançar esse congo? Não tem jeito. Não tem jeito de comprar um nada, como é que eu ia fazer? Vamos fazer isso seu DADO. Se o senhor quiser dançar o congo, eu lhe dou a farda, já tinha uma sanfona 120, então eu não sabia tocar não, sabia só um pouquinho, só o começo. Bom, o senhor leva a sanfona e o senhor vai junto com nós eu lhe dou a farda. – então eu vou (JOSÉ OTÁVIO, 2004).

José Otávio, congadeiro e responsável por um terno de congo da cidade de Machado e um dos convidados mais tradicionais da festa de Nossa Senhora do Rosário, mantém sempre juntos crianças e adultos na congada. Ao contar suas experiências, fazia questão de enfatizar que para dirigir o grupo de congo que coordena até hoje teve que se tornar “responsável”.

Nos diversos encontros de pesquisa, entrevistas e visitas à cidade de Silvianópolis, fomos compreendendo pouco a pouco que ser membro ativo da festa de Nossa Senhora do Rosário, para a maioria de seus participantes, trabalhadores de diferentes níveis sociais,

significa estar vinculada a tradições familiares e religiosas, e compartilhar sentimentos de pertencimento a uma mesma comunidade.

Ao relembrar suas trajetórias de vida, os narradores e narradoras são transportados às primeiras lembranças do festejo de Nossa Senhora do Rosário e à congada. Revivem com saudade momentos em que cada um considera importante para si e para o grupo.

O ir e vir da memória nesses momentos revive experiências dos tempos que iniciaram suas trajetórias na festa de Nossa Senhora do Rosário que é entendida também como uma festa de congo, onde todos os narradores demonstram uma preocupação em manter os ternos de congadeiros no festejo.

Segundo Portelli:

A memória não é apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa nas mudanças forjadas pela memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma as suas vidas, e colocar na entrevista e na narração em seu contexto histórico (PORTELLI, 1997, p. 33).

Quando os depoentes falam de suas experiências com a festa atribuem sentidos ao ritual do congado. Ao relembrares dos tempos de criança, como congadeiros ou como festeiros, reafirmam suas profundas relações com essa tradição, cuja realização de preservação podem ser vistas como forma de resistência à folclorização.

O cotidiano dos homens e mulheres, envolvidos nas festividades, é moldado por representações e práticas culturais diversas, nas quais a dança da congada, considerada por muitos a atividade mais importante do festejo e Nossa Senhora do Rosário se expressa através do som de tambores, violas e batidas de pé.

Os ternos de congo são responsáveis por grande parte da alegria da festa. Além de atrair o público com suas roupas coloridas, seus estandartes, sua música e sua dança, eles são guardiões de uma tradição que vem de tempos da colônia: a devoção a São Benedito.

Embora a festa seja conhecida como a festa de Nossa Senhora do Rosário, cuja realização vem do século XVIII, os depoentes em suas falas se referiram a São Benedito como o santo dos homens pretos, aquele

que os libertou continuamente de uma outra forma de escravidão.

Em meio a esta riqueza cultural, podemos observar detalhadamente o sentido do vestuário dos congadeiros e a preocupação de seus mestres que passam durante o ano todo coletando ajuda financeira através de doações na tentativa de renovarem suas roupas.



Imagem 19: DOMINGUES, Andrea. Terno de congo. 2005



Imagem 20: DOMINGUES, Andréa S. Vestimenta de terno de congo I- Terno de congo vestindo azul e branco em homenagem a Nossa Senhora. 2005.



Imagem 21: Andréa S. Vestimenta de terno de congo II - Terno de congo vestindo branco e vermelho, com boinas na cabeça como adereço. 2005.

O vestuário usado durante o cerimonial da festa é objeto de especial atenção por parte dos congadeiros.

A escolha das cores sofre às vezes influências variadas, externas às comemorações religiosas, podendo ser inspirada em eventos nacionais, como o futebol, por exemplo. No ano da copa (2002) as cores foram verdes brancas e amarelas: saíram de “brasileirinho”. Outras vezes, a inspiração é mesmo religiosa, sendo adotadas as cores das vestes dos santos: azul e branco representando Nossa Senhora, amarelo, azul e branco para São Benedito.

Ano passado nós saímos de brasileiro, para representa o Brasil, o povo gosta de ver as cores do país quando a gente dança a congada. Os tecidos tão tudo novinho, cada um deu o que podia e a Associação deu um pouco e os comerciantes também. A gente não pode dançar feio, a roupa tem que tá limpinha e brilhosa. A gente fica bonito pra São Benedito e Nossa Senhora (CERCELINO, 2003).

Os membros dos ternos de congo se preocupam com a forma visual de sua apresentação ao público, as vestimentas bem cuidadas e renovadas são essenciais

para que possam participar da festa. Porém, trabalhadores, como Cercelino, José Patrocínio, Afonsina, Maria da Conceição, não têm condições financeiras para adquirirem suas vestes anualmente, dependendo assim, na maioria das vezes, do auxílio em forma de doação da Associação do Rosário, dos comerciantes e daqueles que podem doar algum dinheiro.

Os ternos de congo são compostos principalmente por amigos e familiares, formando assim não só um novo espaço de sociabilidade, mas, sobretudo de construção de identidade que ultrapassam as meras relações de parentesco e vizinhança. Além das doações, outra estratégia adotada para adquirirem novos instrumentos e vestuário é cobrar uma pequena taxa de apresentação às festas das quais participam, podendo variar em torno de 200 a 300 reais por cada terno de congo.

Os chamados chefes ou mestres da congada centralizam as atividades, distribuindo responsabilidades e organizando a confecção das roupas, após adquirirem os tecidos, por doação ou por compra com economias próprias, as vestimentas são confeccionadas por

mulheres que pertencem ao terno de congo e, pelas costureiras que trabalham, nas horas vagas para o congado.

Esse ano fui eu que costurei a maioria das roupas, as outras mulheres ajudaram como puderam, minha filha ajuda, todo mundo ajuda. Você vê ali no meu quarto tem saco de roupa de congado, eu tiro lavo, passo e também costuro. A gente que tá ajudando na organização sabe que não é fácil, por isso quando a gente conhece uma pessoa que pode ajuda nós pedimos ajuda. Quando a gente se apresenta sempre tem uma colaboração, pois assim a gente pode voltar outra vez e se apresenta bonito. A gente não pode também sai rasgada, a gente gasta, a roupa gasta (MARIA DA CONCEIÇÃO, 2005).

Para os olhos de quem assiste à dança dos congadeiros, o vestuário torna-se um dos apelos visuais mais importantes e, conscientes disto, os congadeiros se organizam para melhor se apresentarem, enfeitando-se com cores fortes, tecidos de brilho, boinas na cabeça e faixas nas cinturas.

A preocupação em ficar bonito, em não fazer feio, além das razões estéticas e de agradar ao público tem conotações religiosas: *“a gente fica bonito para São Benedito e Nossa Senhora”* (CERCELINO, 2003). O ato de idealizar e costurar as roupas envolve várias pessoas,

principalmente mulheres e costureiras que doam seu tempo e seus saberes aos congadeiros, constituindo uma “rede” de solidariedade que pode se ampliar conforme o “sucesso” do terno de congo na apresentação.

Assim as congadas todas ensaiadas, com uniformes coloridos e diferenciados de terno para terno, trazendo suas bandeiras, em fileiras, saem às ruas. Os homens negros e mais velhos destacam-se entre os jovens e crianças, fazendo uma dança à parte com movimentos diversos e muitas vezes com pés descalços, “levantam a poeira”, prendendo os olhos de quem os observa.



Imagem 22: DOMINGUES, Andréa S. Estandarte de São Benedito. 2005.



Imagem 23: DOMINGUES, Andréa S. Estandarte de Nossa Senhora do Rosário e bandeira do mastro. 2005.

As bandeiras são objetos de culto: traduzem a homenagem do grupo aos santos de sua devoção e são formas de oração, assim como aquela que tremula no mastro.

Nas lembranças de nossos narradores, principalmente daqueles ligados diretamente com os ternos de congo, foi possível entender um pouco do sentido da congada como busca de sociabilidade e autoafirmação de um grupo.

A congada é sempre acompanhada de diferentes

instrumentos musicais:

Alguns anos atrás era só viola, cavaquinho, violão, triângulo, sanfona e tambor, esses eram os instrumentos que a gente tinha. Agora não! Hoje tem outros instrumentos, por exemplo, o banjo, instrumentos de sopro, mais tambores. Os instrumentos foram mudando, é quase uma banda é uma forma de chamar a atenção dos outros quando a gente passa (CERCELINO, 2003).



Imagem 24: GONÇALVES, José Roberto. Instrumentos musicais utilizados no terno de congo, banjo, violão e pandeiro. 2006.

Canções que são entoadas, representando rezas ou lutas históricas dos negros:

“quando aqui chegamos o povo reuniu prá ver a turma nossa na beira do rio, a nossa mensagem para o céu subiu foi São Benedito que garantiu”⁵⁶.

Nesta riqueza de sons torna-se difícil perceber o valor que esses sons representam no momento da apresentação da dança. Na perspectiva de Zumthor (1997) a apresentação da dança pode ser entendida como uma ação complexa, onde há uma transmissão e recepção de mensagens, sendo a festa também um mecanismo de tradição oral, constituída em diferentes tempos e muitas performances (CASTRO, 2003).

Os sons penetram nos corpos, nas vozes dos tocadores, cantadores e dançarinos (todos chamados de congadeiros). As misturas dos sons trazem à tona o movimento quase que natural dos corpos, que parecem voar da superfície, com movimentos e passos ensaiados. Para os depoentes, essa musicalidade possui uma forte referência simbólica:

⁵⁶ Letra cantada pelos congadeiros no cortejo.

Toda vez que a gente dança nós lembramos de tudo que a gente aprendeu desde criança, a dança de congo não é parada, a gente tem que ter resistência é um pulo pra lá e outro pra cá. É como uma dança de cativado, onde os negros dançavam. A gente dança sem parar o suor é bastante. Tem passos antigos, o sapo agachado, batida de paus, a gente vai circulando, os pretos velhos são os que mais dança como antigamente, ele tem uma força. Eu não agüento mais a saúde não deixa (CERCELINO, 2004).

Os movimentos corporais que compõem a dança da congada é a parte do ritual da festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito que mais atrai os olhares do público, pois trazem junto com os sons, canções e rezas, histórias de vida ligadas à religiosidade e heranças culturais; momento que nos permite perceber a hibridação cultural vivida e experimentada entre os diversos tempos. Através do corpo, congadeiros se comunicam com o público, em de diferentes níveis: vestuário, canções, batida dos pés, expressando ou constituindo um campo de energia comum.

Os ternos de congo e seus componentes estão em um processo de constante transformação, onde há preservação e recriação de imagens e de percepções,

que estes agentes sociais incorporam, rejeitam ou negociam em seus diferentes espaços e temporalidades (WILHIANS, 1979).

O ritual da congada ao longo dos anos vem passando por resignificações em sua forma de apresentação ao público, outros instrumentos, sons e danças são incorporados para atender a uma nova demanda dos seus participantes e observadores, pois as gerações sucessivas, mesmo se colocando em posição de aprendizes umas das outras, exercem com criatividade as atividades e recriam as suas tradições. Isto ocorre porque os homens passam por processos de transformações em suas vidas, crenças, expectativas, desejos, tanto quanto a sociedade na qual estão inseridos (THOMPSON, 1998, p. 13-23).

Tem muita mudança na congada. A gente nem sabe explicar, a gente tem que acostumar. Ninguém percebe, quando vê de um ano pro outro, mudou. Mas a gente tem que acostumar com a época, com o tempo que vem, que vive. Por que senão não tem quem vai dar continuidade as congadas, os jovens assim vêm pro congo, nossos netos. As coisas vão modernizando, tem novidade e o pessoal gosta disso, não tinha tanta barulhada no passado mas à gente mantém nossa devoção. Tudo muda, mas a gente não esquece o que aprendeu, ensinamos diferente (CERCELINO, 2004).

As novas gerações de congadeiros circulam constantemente entre universos diferentes dentro do espaço da cidade e do campo, tendo contato com tempos, linguagens, meios de comunicação, onde há múltiplas formas de sentir, ouvir e relacionar-se com o outro. Novas formas de aprender e saber são vivenciadas com novas experiências de vidas que se atualizam na dinâmica cotidiana.

As transmissões culturais e lembranças do passado se misturam às novas vivências e atitudes de outras gerações, que ao realizarem o ir e vir da memória e ao narrarem suas trajetórias, as experiências parecem, às vezes, modificadas mas não esquecidas, como já nos disse Cercelino “*Tudo muda, mas a gente não esquece o que aprendeu, ensinamos diferente.*”

Compreender a diferença do tempo e da experiência vivida em cada geração é fundamental para que possamos apreender o processo de preservação / transformação da festa a partir das relações ativas e contraditórias entre elas. Os ternos de congo se mantiveram ativos nos festejos, pois sendo um processo

de aprendizado que passa de geração a geração, na qual vão-se adequando ao “seu tempo” e às novas experiência de vida e resistindo a outras mudanças e apelos, que seu Cercelino chama modernização

Seu Cercelino, como outros congadeiros de sua geração, testemunharam várias transformações em seus congados, pois desde criança convivem com o festejo. Mantendo tradições passadas como os passos de dança, canções e instrumentos, recriaram outras. Esse processo é construído numa relação dinâmica entre passado e presente, envolvendo negociação contínua.

... muitos têm o ritmo ainda, as crianças que sai um pouquinho, a gente volta por eles no lugar, então às vezes eles quer se diverti um pouquinho, a gente deixa, deixa eles dá uma divertidinha um pouquinho,... então é aquele negócio de vez em quando dá uma modificadinha assim, mas sempre estamos no ritmo da congada...(JOSÉ OTÁVIO, 2005).

As “*modificadinhas*”, como aponta o depoente, são uma estratégia que o senhor José Otavio adotou para manter as crianças ao seu redor e na congada, podendo assim manter o ritual da congada mais próximo de suas práticas culturais cotidianas e do passado. Mas,

esse preservar da festa não significa torná-la imóvel, sempre igual, mesmo porque, a cada ano a festa de Nossa Senhora do Rosário é resignificada por seus próprios participantes.

Além dos congadeiros que articulam rituais do passado e do presente, há sujeitos que completam o ritual da festa e Nossa Senhora do Rosário, que não poderiam deixar de ser lembrados aqui.

Nas palavras de Cercelino:

Guarda-coroa é uma pessoa, guarda. Quando tem um reinado fica com a espada ali guardando as coroas. Uns anos atrás eles falavam, que se um congado pegasse a coroa acabava com a Festa. Então agora eles usam o guarda coroa prá num deixa, pra num deixá o congado entra ali e tirá a coroa (CERCELINO, 2003).

Seu Cercelino, por exemplo, além de ter sido responsável por um dos ternos de congo da cidade, ocupou a função de guarda-coroa, que teve para ele um sentido importante até os últimos dias de sua vida.



Imagem 25: GONÇALVES, José Roberto. Espadas usadas pelos chamados guarda-coroa no momento do cortejo, com objetivo de protegerem os festeiros e a coroa da santa. 2006.

Dona Afonsina, ao falar de sua participação no cortejo explica qual é a função de uma juíza:

você pegá o festeiro e levá lá na igreja e traz de volta na casa dele, eu que tenho que ir lá dentro (casa dos festeiros). O meu direito é buscar o festeiro, entregá de volta também... o que mais...É, no dia do “Reinado”, é só no dia do reinado que é minha obrigação. É de ir lá de vestida branco, busca o festeiro e trazer na porta de volta... Eu sou juíza, do congado e da Festa (AFONSINA, 2003).



Imagem 26: Dona Afonsina vestida de Juíza da Festa do Rosário, dentro da casa Santa no ano de 2001. Foto cedida por Afonsina.

Outra função importante e pouco percebida durante o cortejo são as chamadas ramalhetes, que trazem nas mãos ramos de flores a serem ofertados a Nossa Senhora do Rosário.

Para Maria Conceição:

Outra coisa que deixa a procissão, o cortejo da congada bonito é aquelas mulheres carregando os ramalhetes, elas todo ano fazem ramalhete para enfeitar os pés de Nossa Senhora na Capela (MARIA CONCEIÇÃO, 2006).

Até a década e trinta, sua escolha pela Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, era lavrada em ata. Com o tempo esta passou a não ser mais mencionada na documentação escrita.



imagem 27: DOMINGUES, Andréa S. Mulheres carregando Ramalhetes de flores produzidos por elas mesmas para ofertarem a Nossa Senhora e acompanhar o cortejo, 2005.

Na festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, a batida do congo é o laço que mantém os grupos unidos, é a exteriorização do sagrado. Festejar, dançando e cantando ao som dos tambores, é entrar em contato com a divindade, é sair do tempo histórico e

cotidiano para entrar no tempo mítico, e no tempo santificado (ELIADE, 1965, p. 64). Unidos por tradições, por fé, organizam suas práticas culturais ano a ano, fazendo da festa de Nossa Senhora do Rosário o maior momento de lazer e fé da comunidade da cidade de Silvianópolis em Minas Gerais.

Algumas Considerações

Investigar as trajetórias de vidas dos homens e mulheres que participam da festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis, foi uma tentativa de compreender como as lembranças do passado são recriadas e inventadas no presente.

Na perspectiva de querer saber como os sujeitos que participam da festa se movimentam e atuam na realização do festejo há mais de duzentos anos, percebendo que a festa ocupa um espaço privilegiado na cultura de seus participantes, e que esta deve ser entendida como um conjunto de valores compartilhados, privilegiei a documentação oral.

Investigar a memória de diferentes grupos e participantes da festa - tais como membros da associação, festeiros, congadeiros, cozinheiros, doceiras, juíza, guarda-coroas, auxiliares de cozinha e expectadores comuns - é uma tarefa complexa, devido às múltiplas formas pelas quais tais sujeitos se expressam, narrando com gestos e palavras, o sentido atribuído por cada um ao festejo.

Concomitantemente, interpretando as atas da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, o livro tombo da igreja de Santa Ana, cartazes e folders, fotografando e filmando momentos do festejo, me propus compreender suas formas de organização, modos de apropriar-se de espaços da cidade por trabalhadores de diferentes classes sociais na celebração da festa.

Buscando as relações entre lembranças e experiências vividas, os depoentes viajam pelo passado e pelo presente levando consigo o pesquisador a percorrer caminhos diversos no ir e vir a diferentes épocas e lugares.

Preocupada em não estagnar a festa, ou reforçar alguns estudos folcloristas que a trata como uma experiência fossilizada no passado, trabalhamos com memória dos sujeitos, procurando valorizar, não somente o passado, mas sim, e sobretudo, todo processo de mudança e experiências vividas, tais como constituidoras da cultura, aqui entendida como um movimento oriundo de vários pontos de tensão e portanto num constante processo de construção

Assim, a festa foi e é pensada, como uma tradição atualizada e ao mesmo tempo em

transformação, que se constitui nas experiências sociais diversas, instituindo um campo de memória atravessado pelos conflitos de classe, que nos conduz a outras histórias.

Bibliografia

ABREU, Marta Campos. *O império do divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALMEIDA, Frei Marcos Antonio de. *Estudo comparativo dos livros de compromissos das irmandades do Rosário dos Homens Pretos de Salvador e São Paulo*. São Paulo: 1992. (Trabalho para o curso de pós-graduação em história da evangelização da América Latina para o prof. Fernando Lodoño).

ALVES, Teodora de Araújo. Cultura, corpo e educação: um diálogo entre as dimensões locais e universal da época global. *In: Revista Motrivivência*. UFSC, ano XI, n.15, 2000.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

AMARAL, Rita. Festa à brasileira. Capturado online em site “Os urbanitas”.

www.aguaforte.com/antropologia. São Paulo: 2004.

ANDRADE, Mário de. Os congos. In: *Danças Dramáticas do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

ANDREONI, João Antonio. *Cultura e opulência do Brasil*. SP: Companhia Editora do Brasil, 1966.

BARBOSA, Marise Glória. *Umas mulheres que dão no couro: as caixeiras do divino no Maranhão*. Mestrado. História, PUC/SP, 2002.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1972.

BARROSO, Gustavo. Os congos. *Revista do Brasil*. São Paulo: jan./abr., 1918.

BENJAMIN, Roberto. *Gongos da Paraíba*. Cadernos de

Folclore 18. Rio de Janeiro: Funarte/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Magia, Arte, Técnica e Política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLÊME, Genevieve. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. *Devoção branca de homens negros*. As irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII. Tese (Doutorado) - Departamento de História da UFF, Niterói, 1998.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder*. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velho*. São Paulo. Companhia da Letra. 1994.

BRAGA, Julio Santana. *Sociedade protetora dos*

desvalidos. Uma irmandade de cor. Salvador: Ianamá, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa do santo preto. Rio de Janeiro: Funarte/INF; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.*

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800. Trad. CABEDA, Sonia T. Lisboa. CAMEIRO, Nadia Virginia B. e LARANJEIRA, Denise Helena P.(orgs). O corpo ainda é pouco. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.*

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado. Trad. Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1988.*

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.*

CARDOSO, Ciro Flamarion. (Org.). *Escravidão e abolição no Brasil: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.*

CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.

CASTRO, Simone Oliveira de. *Na poética da cantoria – sertão e cidade no improviso de Ivanildo Vila Nova*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 2003.

CASTRO, Zaide Maciel de. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Sec. da Ed. E Cultura. Coleção Cidade do RJ, 1977.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Petrópolis, 1994. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Política Cultural, Cultura e Patrimônio Histórico*. In: *O Direito a Memória: patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, DPH, 1982.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. Da superioridade da literatura anglo-. In: *Diálogos*.

Escuta, São Paulo: 1998.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELIÁDE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo, UNESP/Paz e Terra, 1990.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da memória, fontes orais e relato histórico. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia – MG. EDUFU, n. 23, 2000.

HALL, Stuart. *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. MALUF, Marina. *Os ruídos da*

memória. São Paulo: Ed. Siciliano, 1995.

MATOS, Maria Izilda santos. Na Trama urbana: do público, do privado e do íntimo. In: *Revista Projeto História*. PUC/SP. São Paulo: EDUC, n.13, 1996.

MEYER, Marlyse. Neste mês do Rosário: Indagações sobre congos e congadas. IN: *Revista Projeto História Festas, Ritos e Celebrações*. Programa de estudos Pós-graduados em História da PUC. São Paulo: EDUC, n. 28,2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. 3.ed. São Paulo:Contexto,1994.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Rio de Janeiro:F. Briguiet & Cia. Editores, 1946.

OLIVEIRA, Cônego João Eustides de (org). *A Diocese de Pouso Alegre no Ano Jubilar de 1950*. Pouso Alegre: Tip. Da Escola Profissional, 1950.

PITOMBO, Renata. Vestuário em cena: a dimensão espetacular da indumentária. In: *O Corpo ainda é pouco*. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente?. In: *Revista Projeto História* . PUC, São Paulo, n. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 15, 1997.

POULET, G. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PRIORI, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REBAÇAL, Alfredo Gal. *As congadas no Brasil*. SP: Séc. da Cultura, Ciência e Tecnologia 1976.

REIS, João José. *A morte é uma Festa: ritos fúnebres e*

revolta popular no Brasil do século

XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduated da PUC. São Paulo: EDUC, n.25, 2002.

Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduated da PUC. São Paulo: EDUC, n.15, 1997.

SANT' ANNA, Denise B. Descobrir o corpo: uma história sem fim. In: *Educação e Sociedade*, v. 25, n. 2, Porto Alegre, UFGS, julho / dezembro 2000.

SANT' ANNA, Denise. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação liberdade, 2001.

SANTOS, Débora Silva. *Memória e Oralidade: mulheres negras no Bexiga (1930 a 1950)*. Mestrado, História, PUC/SP, 2001.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e vídeo: Cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997. SCARANO, Julieta.

Devoção e escravidão. São Paulo Brasileira, 1978.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. *Memória, Lembrança e Esquecimento: Trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960*. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1998.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.25.

SOUZA, Laura de Mello e. Religiosidade popular na colônia. In: *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das letras, 1987. p.86-156.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravistas. História da Festa de coroação de rei congo*.

Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

THOMPSON, E.P. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. THOMPSON, E.P.

Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TINHORÃO, José ramos. *Os pretos em Portugal. Uma presença silenciosa*. Lisboa: editorial caminho, 1988.

TOLEDO, Marcelo Henrique Santos. *Espaços individuais e coletivos da sacralidade nos meios populares um estudo sobre imagens, conflito simbólicos e campo religioso*. Mestrado, Ciências da Religião, PUC/SP, 2002.

VIGARELLO, G. O corpo inscrito na história: imagens de um arquivo vivo. *In: Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n. 21, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 ZUNTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.



7

Andrea Silva Domingues

Possui graduação em História Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1999), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007) e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (2016). Atualmente é Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, professora permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, professora titular do Curso de História da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS). Pesquisadora e orientadora de diversos projetos de pesquisa de iniciação científica financiados pela FAPEMIG. Professora, pesquisadora colaboradora eventual do Programa de

Pós-graduação em Educação e cultura do campus Universitário do Tocantins - Cametá, da Universidade Federal do Pará. Desenvolve projetos de pesquisa com foco em Análise de Discurso, Cultura e Sociabilidade, Memória, Campo e Cidade, Língua e Ensino. Tem experiência na área de História e Análise de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, cidade, memória, história, discurso, migração, festejos populares, etnia, identidade, cultura afro brasileira, questões indígenas, leis educacionais, história e imprensa, história e memória, pratica de ensino em história, pesquisa e metodologia.